

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO
CÂMPUS SÃO PAULO
LUIS FELIPE VIEIRA BATISTA

**SEM FRONTEIRAS FUTEBOL CLUBE - ESPACIALIDADES E REDES DO
FUTEBOL DE VÁRZEA NO CANINDÉ, SÃO PAULO/SP**

São Paulo
2023

LUIS FELIPE VIEIRA BATISTA

**SEM FRONTEIRAS FUTEBOL CLUBE - ESPACIALIDADES E REDES DO
FUTEBOL DE VÁRZEA NO CANINDÉ, SÃO PAULO/SP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. André Eduardo Ribeiro da Silva

Coorientador: Prof. Dr. Marco Antônio Teixeira da Silva

São Paulo

2023

LUIS FELIPE VIEIRA BATISTA

**SEM FRONTEIRAS FUTEBOL CLUBE ESPACIALIDADES E REDES DO
FUTEBOL DE VÁRZEA NO CANINDÉ, SÃO PAULO/SP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. André Eduardo Ribeiro da Silva e a coorientação do Prof. Dr. Marco Antônio Teixeira da Silva.

Aprovado em:

Prof. Dr. André Eduardo Ribeiro da Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Prof. Dr. Marco Antônio Teixeira da Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Prof^a. MSc. Débora Regina Aversan

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me concedido saúde e a oportunidade de realizar este trabalho tão especial e gratificante, pois é com ele que encerro mais um ciclo importante em minha vida.

Aos meus familiares e amigos, por terem me apoiado e incentivado para que me esforçasse durante toda a licenciatura, principalmente no processo de execução deste trabalho.

Agradeço ao meu orientador, professor André Eduardo Ribeiro da Silva, por ter guiado e auxiliado no desenvolvimento deste trabalho, por ter sido paciente e acreditar no meu potencial.

Também agradeço ao meu coorientador, o professor Dr. Marco Antônio Teixeira da Silva por ter aceitado participar do trabalho e ajudar a executá-lo com eficiência.

E por fim, agradeço todos os membros da banca examinadora pelo interesse e disponibilidade em prestigiar a defesa deste trabalho de conclusão de curso.

“A história das chamadas relações entre sociedade e natureza é, em todos os lugares habitados, a da substituição de um meio natural dado a uma determinada sociedade, por um meio cada vez mais artificializado, isto é, sucessivamente instrumentalizado por essa mesma sociedade.” (Milton Santos, 2002.)

RESUMO

O futebol de várzea nasce nas margens dos rios que “cortavam” a cidade de São Paulo. Praticado tanto pela elite quanto pelos negros descendentes de escravizados e por imigrantes empobrecidos, consolida-se como principal forma de lazer e importante forma de organização popular das classes subalternizadas. Com o processo de espoliação urbana é empurrado junto a essa população para outros pontos da cidade, onde se reestrutura e permanece como prática social essencial em seu modo de vida. Ao insurgir contra o processo de espoliação urbana, essa população conquista sua cidadania e passa a mover práticas de disputa pelo espaço urbano. A pesquisa em vigor, trata-se de uma investigação de campo sobre a história do futebol de várzea no bairro do Canindé com os principais clubes do local: o Estrela do Pari Futebol Clube e o Serra Morena relacionando com a formação e desenvolvimento do bairro e indicar de que forma o futebol de várzea estava empregada em meio a sociedade até chegarmos nos dias atuais abordando sobre a vinda de imigrantes e até mesmo o apoio de um dos clubes, sediando uma escolinha internacional do clube de futebol profissional Bolívar que, além de formar atletas, também funciona como espaço de integração para os jovens imigrantes.

PALAVRAS CHAVE: Futebol. Várzea. São Paulo. Pari. Canindé. Imigrantes.

ABSTRACT

Várzea football was born on the banks of the rivers that “cut” the city of São Paulo. Practiced both by the elite and by the black descendants of enslaved people and by impoverished immigrants, it is consolidated as the main form of leisure and an important form of popular organization of the subordinate classes. With the process of urban dispossession, this population is pushed to other parts of the city, where it is restructured and remains an essential social practice in their way of life. By rebelling against the process of urban spoliation, this population conquers its citizenship and starts to move practices of dispute over urban space. The current research is a field investigation on the history of lowland football in the neighborhood of Canindé with the main clubs of the place: Estrela do Pari Futebol Clube and Serra Morena relating to the formation and development of the neighborhood and to indicate how the football of the floodplain was used in the midst of society until we reach the present day addressing the arrival of immigrants and even the support of one of the clubs, hosting a school of the professional football club Bolívar that, in addition to training athletes, also functions as a space of integration for young immigrants.

KEY WORDS: Football. Várzea. Sao Paulo. Pari. Canindé. Immigrants.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Marginal Tietê, Zona Norte, 1960	24
Figura 2: Ponte Grande (sobre o rio Tietê) em cartão-postal	31
Figura 3: Chafariz na praça Padre Bento	33
Figura 4: Igreja Santo Antonio do Pari	33
Figura 5: Travessa Paulinho Baloeiro, nº 01	35
Figura 6: Rua Sacramento, nº 14	35
Figura 7: Rua São Biagio, nº 01	36
Figura 8: Rua Morro Grande, nº 11	36
Figura 9: Rua João Teodoro, nº 94	38
Figura 10: Rua Canindé, nº 64	38
Figura 11: Escudo E.C. Vigor	43
Figura 12: Sede do E.C. Vigor	43
Figura 13: Área Social E.C. Vigor	43
Figura 14: Campos do E.C. Vigor	43
Figura 15: Escudo CMTC Clube	44
Figura 16: Mesquita do Brás na rua Elisa Witacker, nº 13	45
Figura 17: Escudo A.A. Serra Morena	47
Figura 18: Sede A.A. Serra Morena	47
Figura 19: Campo A.A. Serra Morena	47
Figura 20: Time A.A. Serra Morena	48
Figura 21: Busto em homenagem ao José Barbezane	49
Figura 22: Kaiser Fabinho e Lothar Matthäus	50
Figura 23: Kaiser Fabinho pelo Bayern	50
Figura 24: Escudo Estrela do Pari F.C	50
Figura 25: Campo do Clube Estrela do Pari	51
Figura 26: Área Social do Clube	51
Figura 27: Mural dos primeiros sócios do Estrela do Pari F.C	51
Figura 28: Ata de Inauguração do Clube	52
Figura 29: Parte Final Ata de Inauguração	52
Figura 30: Nelson de Oliveira, o Lumumba	52

Figura 31: Um dos esquadrões do Clube	52
Figura 32: Principal time do Clube	53
Figura 33: Clube estampado no jornal do bairro	53
Figura 34: Presidente Simba em dia festivo	54
Figura 35: Presidente Simba em festa de Natal	54
Figura 36: Ação de Natal no Clube	54
Figura 37: Simba ao lado de membros imigrantes	54
Figura 38: Cabeleireiro na feira da Praça Kantuta	57
Figura 39: Produtos típicos latinos	57
Figura 40: Produtos vendidos na feira	58
Figura 41: Ensaio para evento cultural	58
Figura 42: Feira na Rua Coimbra	58
Figura 43: Clientes em barraca de doces	58
Figura 44: Barracas na feira da Rua Coimbra	58
Figura 45: Pães caseiros vendidos na feira	58
Figura 46: Banner informativo do Projeto Bolívar Brasil	59
Figura 47: Alunos do Projeto	60
Figura 48: Professores dando instruções aos alunos	60
Figura 49: Comissão Técnica do Projeto (Artur Costa - 2º da esquerda para direita)	61
Figura 50: Elenco feminino do Clube	61

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Relevo do distrito do Pari - PMSP	30
Mapa 2: 1890 - Planta da capital do Estado de São Paulo, Jules Martin	31
Mapa 3: Distrito do Pari, Município de São Paulo (1930)	33
Mapa 4: Distrito do Pari, Município de São Paulo (1940)	34
Mapa 5: Distrito do Pari, Município de São Paulo (1952)	34
Mapa 6: Arco: Forma das ruas: Padre Lima, Coronel Morais e Rio Bonito	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.A	Associação Atlética
ARA	Associação Recreativa Anhanguera de Santo Amaro
CMTC	Companhia Municipal de Transporte Coletivo
DEFE	Campeonato Estadual de São Paulo
E.C	Esporte Clube
EDUSP	Editora da Universidade de São Paulo
FC	Futebol Clube
LPF	Liga Paulista de Futebol
PMSP	Prefeitura Municipal de São Paulo
PT	Partido dos Trabalhadores
SMUL	Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	OBJETIVO	13
1.2	JUSTIFICATIVA	13
1.3	METODOLOGIA	13
1.4	HIPÓTESES/RESULTADOS	15
2	AS DIFERENÇAS DO MESMO ESPORTE: UM FUTEBOL DE TODOS?	16
2.1	PROFISSIONALISMO DO FUTEBOL E A URBANIZAÇÃO DE SÃO PAULO	18
3	O BAIRRO DO CANINDÉ NO DISTRITO DO PARI	27
3.1	O FUTEBOL DE VÁRZEA	38
3.2	OS CLUBES DE FUTEBOL DE VÁRZEA DO PARI	41
4	AS COMUNIDADES IMIGRANTES E A INSERÇÃO DO FUTEBOL COMO FERRAMENTA DE SOCIALIZAÇÃO	56
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
	APÊNDICE A - A.A. SERRA MORENA	71
	APÊNDICE B - ESTRELA DO PARI F.C	72
	APÊNDICE C - PROJETO BOLÍVAR BRASIL	73

1 INTRODUÇÃO

Os dois principais rios de São Paulo, o Tietê e o Pinheiros circundavam a cidade em movimentos lentos, por longos e sinuosos leitos repletos de meandros; formas que traduziam o longo processo de natureza geofísica de formação das planícies aluviais, identificadas também por várzeas. Sobre elas estes rios faziam e refaziam seus leitos deixando, entre uma e outra cheia, meandros abandonados formando lagoas em semicírculos. Quando o rio baixava, a terra era rígida o suficiente para que uma bola rolasse e muitos pés corressem atrás dela.

No início do século XX, populações imigrantes e de afro-brasileiros e negros recém libertos ocuparam esses territórios e originaram alguns bairros. Mais do que uma prática amadora desportiva, o futebol se consolidou enquanto símbolo de organização social e luta pelo direito à cidade, em uma época onde a capital paulista começava a ser disputada espacialmente e a sofrer com a gentrificação.

Desde a virada do século XIX, a cidade passou por diversos projetos de intervenção urbana. Alguns estudiosos falam na construção de três cidades no espaço de um século.

A maior parte da população estava excluída dos processos decisórios e vivenciava um cotidiano material muito precário, razão pela qual criava mecanismos de sobrevivência e identidade por meio de condições materiais e simbólicas possíveis.

Durante boa parte do século XX, diversas áreas verdes resistiram ao processo de urbanização: a ocupação não deu conta de controlar os ritmos dos rios e suas enchentes, nem apagou completamente os traços rurais de São Paulo. Diante da modernização, pelo fato de nem toda população aderir ao projeto, a cidade se transformou no palco das diversas temporalidades que envolviam seus habitantes, fossem brasileiros ou imigrantes, no qual os aspectos urbanos e modernos conviviam com o rural e arcaico. Essas populações tiveram que se adequar à nova realidade: bondes, energia elétrica, carros, grandes avenidas, arranha-céus, novas formas de lazer. Dentre as novidades, o futebol foi uma das que mais entusiasmaram a população.

Em Streapco (2015), podemos evidenciar todo esse processo sendo introduzido no tema: “O futebol é um esporte que exige espaços amplos para a abertura de campos nos quais os jogadores possam disputar as partidas. Isso acontece em um simples campo de futebol de várzea ou com o estádio e suas arquibancadas. É preciso salientar, entretanto, que, entre um simples campo de terra batida e o grande estádio, existem diferenças simbólicas e materiais fundamentais que condicionam como as pessoas concebem ou praticam o futebol. A história desses espaços pode indicar pistas importantes acerca da cultura, dos mecanismos de controle

criados pela administração pública para vigiar a prática do futebol e da urbanização de São Paulo, e, em especial, dos processos de especulação imobiliária que ocorreram no período.”

1.1 OBJETIVO

O objetivo desta pesquisa é entender as territorialidades e redes de formação dos clubes de várzea e o papel do futebol com relação a diferentes comunidades imigrantes que se instalaram no bairro do Canindé, explicitar os conceitos de espaço, território e espacialidades buscando colocar em prática este arcabouço teórico no estudo de acontecimentos socioespaciais, geo-históricos e geopolíticos. Para tanto, além de reflexões teórico-conceituais, exemplos sucintos, mas substanciais, da utilização destes em alguns adventos históricos, a questão do termo “várzea”, e entender o papel do futebol com relação a diferentes comunidades imigrantes que se instalaram no bairro do Canindé, através da prática do esporte são de suma importância.

O estudo procura responder em que sentidos o futebol de várzea contribuiu para a formação e desenvolvimento do bairro do Canindé juntamente com o convívio e contato de imigrantes nos dias de hoje.

1.2 JUSTIFICATIVA

A justificativa para a realização da pesquisa é a razão de não possuir tantos estudos à respeito do tema na área abordada, além da importância da realização desta pesquisa, abrange uma série de curiosidades e problemáticas de conceitos geográficos como “território”, “espaço” e urbanização que busca chamar atenção dos moradores do bairro, historiadores, pesquisadores, geógrafos e amantes do futebol, no que tange a Geografia do Esporte. Quando comecei a elaborar o trabalho, não tinha noção que poderia ter o resultado que comecei a obter.

1.3 METODOLOGIA

A respeito da metodologia, primeiramente coloco em destaque a leitura de duas obras como importantes ferramentas para realização da pesquisa: “Os Meandros dos Rios nos Meandros do Poder: Tietê e Pinheiros - valorização dos rios e das várzeas na cidade de São Paulo” - Odette Carvalho de Lima Seabra - Editora Almeida e “Cego é aquele que só vê a bola: o futebol paulistano e a formação de Corinthians, Palmeiras e São Paulo” - João Paulo França Strepco - Editora EDUSP.

A partir da questão de investigação de campo, a primeira tentativa não foi realizada com sucesso devido ao momento pandêmico que vivemos, no dia 30/06/2021 (quarta-feira), ao visitar o Estrela do Pari F. C. e a A.A Serra Morena encontrei as portas fechadas. Novamente, outra tentativa no dia 03/07/2021 (sábado) também encontrei os locais fechados.

Eis que no dia 16/07/2021 (sexta-feira) consegui entrar em contato com o presidente do clube Serra Morena que juntamente com o atual vice-presidente, deram toda atenção devida e algumas informações sobre o clube e quando as atividades esportivas voltariam a sua normalidade pós-pandemia. Com a finalidade de obter mais relatos orais, entrei em contato com meus ex-amigos de escola que são parentes de pessoas fluentes do clube e netos de uma das personagens de maior símbolo da comunidade. Por meio dessa rede de informações consegui acesso à relatos de um ex-jogador que me deu total atenção respondendo algumas perguntas, enriquecendo o conteúdo da pesquisa. Hoje ele mora na Alemanha e jogou por vários clubes da Europa, começou sua carreira na A. A. Serra Morena.

Em visita ao Estrela do Pari F. C. a ilustre presença de outra personagem simbólica do clube, no auge dos seus 74 anos de idade e um rico acervo de documentos, fotografias e contos, contribuiu bastante para trabalhar a importância de outro grande clube de várzea, o Estrela do Pari. Tive acesso até mesmo à Ata de inauguração do clube e registros de compra e venda do terreno, exercido com uma fatia maior para membros da família Carrara. Glauberlã Carrara, o Simba, atual presidente do clube, também foi uma referência para a pesquisa.

Ao pesquisar à fundo a questão da prática do futebol como meio de recepção, inserção e boa relação com os moradores do local, em notícias de dois importantes canais de mídia da Internet que mencionava sobre uma recepção de alguns membros associados a um projeto de escolinha de futebol franqueada do Clube do Bolívar de futebol profissional localizado no bairro do Pari, precisamente no E. C. Vigor (outro clube de certa relevância do distrito) no Aeroporto Internacional de Guarulhos, prestigiando a delegação do Clube do Bolívar que na ocasião viera ao Brasil para jogar contra a Sociedade Esportiva Palmeiras, pela Copa Libertadores da América de 2020. Sabendo da notícia, procurei informações no E. C. Vigor, sem êxito. Então, na última visita mencionada no Estrela do Pari F. C., observei cartazes sobre o projeto Bolívar-Brasil, e ao entrar em contato por telefone, tive contato com o ex-jogador e hoje, professor e coordenador do projeto que me explicou à respeito da mudança do local para dar continuidade aos trabalhos e com toda atenção, me concedeu uma entrevista com todos os detalhes do projeto e até mesmo da forma de inserção dos imigrantes bolivianos no cotidiano metropolitano da cidade de São Paulo e inserção também do futebol feminino.

Sendo assim, dividi a pesquisa em três capítulos. No primeiro, abordo sobre o futebol de várzea em dois diferentes âmbitos: na relação da várzea com a urbanização e na relação da várzea com a prática do futebol. No segundo capítulo, deixo em evidência a formação do bairro do Canindé, no distrito do Pari, historicidade e desenvolvimento, a trajetória do futebol de várzea na cidade de São Paulo e os clubes de futebol de várzea na área estudada. Já no terceiro capítulo, proponho a análise da chegada dos imigrantes bolivianos na área estudada relacionando com o projeto Bolívar-Brasil como principal instrumento de sociabilidade entre jovens de diferentes nacionalidades através do futebol.

1.4 HIPÓTESES/RESULTADOS

Sobre as hipóteses, busca-se compreender em que sentidos as territorialidades e redes construídas pelos clubes de futebol de várzea alocados no bairro do Canindé, distrito do Pari, São Paulo se interconectam com o processo de formação do bairro, da construção de espaços de sociabilidades e intercâmbio sociocultural entre moradores e frequentadores dos clubes de futebol de várzea supracitados e as múltiplas conexões entre as territorialidades e redes dos clubes de futebol de várzea supracitados e a conformação histórica de diversas comunidades imigrantes no Canindé, assim como os fatores locacionais associados a escolha no bairro da criação da escola internacional de futebol criada pelo clube profissional Fútbol Club Bolívar, sediado em La Paz, Bolívia.

2 AS DIFERENÇAS DO MESMO ESPORTE: UM FUTEBOL DE TODOS?

Conforme os trechos do vídeo de Paulo Rezzutti, “A história do futebol no Brasil”, ao contrário do que muitos pensam, não foi Charles Miller o inventor do futebol. Os chineses já tinham contato com o esporte onde usavam cabeças de guerreiros mortos como bola durante as batalhas e até mesmo os astecas no México e indígenas brasileiros. Pelo menos no Brasil, algumas “peladas” e jogos sem regras eram praticados nas praias e campos em cidades portuárias por marinheiros vindos da França, Holanda e principalmente Inglaterra.

Em 30 de junho de 1874, nasce Charles William Miller, filho de um escocês que morava no Brasil chamado John D’Silva Miller e Carlota Antunes Fox. John Miller trabalhava na empresa São Paulo *Railway Company*, empresa ferroviária que fazia a linha entre Santos e Jundiaí, passando por São Paulo. Aos dez anos de idade, o jovem Charles Miller foi enviado para Southampton, na Inglaterra, onde ele estudou e teve contato com o futebol, *cricket* e rúgbi.

Aos vinte anos, em fevereiro de 1894, Miller retorna para o Brasil trazendo em sua mala, duas bolas de futebol, alguns uniformes e um livro de regras do esporte com o intuito de expandir as partidas no Brasil. Em pouco tempo, Charles Miller entrou para a mesma empresa em que seu pai trabalhava e organizou uma partida entre funcionários da empresa São Paulo *Railway Company* contra funcionários da empresa São Paulo *Gaz Company*, empresa que fornecia iluminação a gás para a cidade na época. A partida foi realizada em Várzea do Carmo, onde hoje é a região do Brás com todas as regras então estabelecidas, terminando em 4 x 2 para o time da empresa São Paulo *Railway* com dois gols de Charles Miller.

Quando chegou a São Paulo e apresentou o futebol aos colegas do São Paulo Athletic Club (SPAC ou Clube dos Ingleses) e aos funcionários da São Paulo Railway, entre 1894 e 1895, Charles Miller se utilizou de dois espaços que considerou os mais adequados para jogar futebol: a várzea do Carmo, na qual realizou alguns treinamentos com os colegas de trabalho, e a Chácara Dulley, no bairro do Bom Retiro, que, naquela época, era utilizada pelos sócios do São Paulo Athletic Club para a prática do *cricket*. (STREAPCO, 2016, p. 14).

São Paulo vivia um momento decisivo de explosão de crescimento urbano, quase quadruplicando sua população na última década do século XIX, sob o impulso fulminante da expansão de sua hinterlândia baseada no binômio ferrovia-cafeicultura (SINGER, 1974:53). A “metrópole do café” (AZEVEDO, 1958; BRUNO, 1984) vive então uma febre de investimentos internacionais, e são muitos os estabelecimentos e colégios ingleses na cidade. Os ingleses criam seus clubes e praticam esportes, dentre eles aquele então na moda em sua terra natal: o futebol. O mais importante é que o fazem numa cidade que vivencia o frenesi da modernidade, o que

significa dizer que São Paulo está aberta às inovações, está pronta para modernizar-se. Em outras palavras, nesta cidade, talvez mais do que em qualquer outra no Brasil, os ingleses estavam semeando o futebol em solo muito fértil¹.

Podemos afirmar que já no final do século passado tal esporte era praticado em clubes, empresas (capital inglês) e estabelecimentos escolares; que em 1896 o velódromo da família Prado, na Consolação, é reformado para abrigar partidas de futebol; que em 1902 a cidade organiza o primeiro campeonato de futebol do país (...) Inicialmente, o futebol varzeano era tomado como desordem, encontro de vadios a ser disciplinado ou mesmo perseguido pela polícia. A imprensa da época estabelece uma clara distinção entre o futebol das elites, elegante e bem-organizado, e o futebol varzeano, como se fossem modalidades e práticas sociais completamente diferentes e até mesmo opostas (JESUS, 2002, p. 3-8).

[...] o futebol dos operários, ambulantes e desocupados era enquadrado na categoria de manifestação esportiva indesejável, sem valor e digna de ser reprimida pelas autoridades. A elite paulista não só rejeitava a popularização do futebol entre operários, imigrantes, negros e estudantes dos bairros populares, como também lutava por diferenciar seus cinco times do futebol “não oficial”. (SANTOS NETO, 2002, p. 53-60).

Conforme entrevista feita pela *CNN* Brasil com a historiadora Diana Mendes Machado da Silva, autora do livro “Futebol de várzea em São Paulo: a Associação Atlética Anhanguera (1928-1940)”, ela afirma que “Nos anos 1910, 1920 você tinha uma ideologia de que as várzeas eram perigosas tanto do ponto de vista social quanto da saúde. Daí essa ideia de que era preciso retificar o rio. É um discurso de que a cidade tinha de crescer e ocupar todos os espaços possíveis, até mesmo o da vazão das águas”.

Com a popularização do futebol, ainda era notável modos de diferenciação do mesmo. A partir da década de 30, em um relato de Odette Seabra (2003), o governo de Getúlio Vargas colocava na “balança” os dois tipos de futebol praticados, assim como diferenciava os próprios cidadãos:

O Estado Novo foi marcado pelo autoritarismo, com exclusão de amplos segmentos sociais, prevalência do Estado sobre a sociedade civil e fragilidade da noção de cidadania. O nacionalismo, como ideologia política, veiculava um tom fortemente ufanista e consolidava alianças em diversos níveis, com as diversas partes: o Estado, o povo e diferentes segmentos da sociedade.

As normas que incidiram sobre o futebol hierarquizavam, classificavam, criavam certas obrigações de registros e taxas, repercutindo no ambiente do futebol [...] Um exemplo daquilo que repercutiu como cruel sobre o futebol amador e de várzea foi a imposição aos jogadores, da condição de alfabetizados para poderem jogar, participar de disputas. Enfim, era uma disposição que incidia sobre uma sociedade de

¹ Os ingleses tiveram papel importante, mas não devemos esquecer, conforme salienta Antunes (1992), a influência dos jovens ricos que regressavam de estudos na Europa, entusiasmados com o futebol, e particularmente o esforço pessoal de Charles Miller, filhos de ingleses, em difundir tal esporte na cidade.

analfabetos, e isso era real! Além disso a profissionalização impedia que os jogadores continuassem a exercer seus ofícios. (SEABRA, 2003, p. 279).

[...] Das chácaras aos estádios, o futebol transitou por diversos espaços da cidade autorizado ou não pela administração pública. Sua conversão em espetáculo de massa ocorreu no período que vai do início do século até o final dos anos 1930, quando, por iniciativa dos governantes autoritários do período varguista, alcançou o status de esporte profissional e passou a ser praticado em grandes estádios. Durante boa parte do período estudado, no entanto, os espaços utilizados para o futebol eram precários, campos improvisados, simples praças desportivas, para citar o termo predileto dos cronistas de então, algumas criadas para outros esportes e, depois, adaptadas às demandas do futebol. (STREAPCO, 2016, p. 32).

As diferenças sociais escancaradas do futebol passaram a ser deslocadas através do aparecimento dos times improvisados por setores populares, logo se tornando uma prática oficial. As equipes e os clubes foram se formando pela união entre artesãos, comerciantes e principalmente pelos operários. (FRANCO JÚNIOR, 2007).

Segundo Almeida (2017), o futebol amador gerava gratificações e certas promoções para os jogadores especificamente operários. Aqueles atletas que se sobressaíam, eram alvos de regalias e privilégios, passando a dedicarem-se mais à prática do futebol nos seus clubes do que às empresas da qual prestavam serviços. O futebol desenvolveu um grande potencial na economia, pois o amadorismo daquela década de 1910 se sustentava dos ricos donos dos clubes e de suas bilheterias.

Com a política do governo de Getúlio Vargas em 1931, fica marcado a perda da força do futebol amador. Vargas pregou que o jogador de futebol deveria ser reconhecido como um profissional totalmente regulamentado pelas leis trabalhistas, como veremos a seguir.

2.1 PROFISSIONALISMO DO FUTEBOL E A URBANIZAÇÃO DE SÃO PAULO

O futebol é um esporte que exige espaços amplos para a abertura de campos nos quais os jogadores possam disputar as partidas. Isso acontece em um simples campo de futebol de várzea ou com o estádio e suas arquibancadas. É preciso salientar, entretanto, que, entre um simples campo de terra batida e o grande estádio, existem diferenças simbólicas e materiais fundamentais que condicionam como as pessoas concebem ou praticam o futebol.

A história desses espaços pode indicar pistas importantes acerca da cultura, dos mecanismos de controle criados pela administração pública para vigiar a prática do futebol e da urbanização de São Paulo, e, em especial, dos processos de especulação imobiliária que ocorreram no período. (STREAPCO, 2016, p. 12).

Aqui no Brasil, assim como ocorreu na Inglaterra, o ambiente das fábricas ficou marcado como um dos mais importantes centros de disseminação do futebol nos seus primeiros anos.

De acordo com a justificativa feita pelo projeto de lei Nº 718, DE 2019 com a finalidade de instituir o “Dia do Futebol Varzeano”, o “futebol de fábrica” se popularizou de maneira impressionante. As grandes fábricas passaram a organizar times de futebol para disputar campeonatos com empresas rivais. A importância dos campeonatos e a rivalidade entre os “clubes de fábrica” acabaram se tornando tão grandes que começou aparecer equipes ainda mais competitivas. Muitas vezes as empresas preferiam contratar bons jogadores ao invés de um bom operário. Além disso, operários- jogadores, como eram conhecidos, recebiam uma remuneração especial.

À vista disso, neste projeto de lei justifica que os operários-jogadores com o tempo começaram a julgar que a posição que tinham no time da empresa nada mais era do que um passo inicial para serem atletas profissionais. Muitos dos que faziam testes, não passavam, mas não largavam o esporte, pois era garantido bons empregos e renda extra. Dentre os casos de operários jogadores que fizeram sucesso no futebol, destaca-se Mané Garrincha (nesse caso específico, um mesmo processo ocorria também na cidade do Rio de Janeiro). Mas também existia o caso inverso: atletas que, por já serem conhecidos, garantiam vaga nas equipes das empresas com o objetivo de ter uma renda extra.

No decorrer do vídeo “A história do negro no futebol” realizado por Cláudio Oliveira em 2017, durante o governo de Getúlio Vargas, o futebol começou a ser usado como propaganda e controle ideológico. Anteriormente o futebol que presenciava atitudes racistas, onde os negros não tinham espaço para atuar em equipes em ascensão, foi mudando principalmente com o papel das fábricas. A fábrica Bangu, no Rio de Janeiro, oferece membros para uma equipe ser a primeira a aceitar negros. Logo em seguida foi a vez do Clube de Regatas Vasco da Gama. O jogador Leônidas da Silva (o Diamante Negro) famoso pelos seus gols de bicicleta foi muito celebrado pelo governo Vargas. Dessa forma, o futebol passa a ser uma ferramenta essencial para equipar os brancos com os negros, dando a oportunidade do negro ter seu papel na sociedade apoiado pelo governo. Getúlio então, não mediu esforços para estatizar o controle do futebol no país, o que acabou acelerando o processo de sua profissionalização.

Em poucos anos, alguns empresários descobriram o potencial do futebol e o utilizaram para estabelecer a mesma cumplicidade com os funcionários, permitindo o desenvolvimento do esporte entre os operários e o aparecimento de times dentro das fábricas. Quase todos os times de fábrica tiveram seus campos e sedes nas áreas de várzea, assim como os times de bairro. A distinção entre eles era muito frágil, pois quase sempre disputavam partidas e campeonatos entre si ou eram formados por amigos, parentes, colegas e vizinhos.

Aqueles que jogavam pelos times de fábrica se utilizavam do patrocínio ou da infraestrutura oferecida pelos patrões para se divertirem. Aos poucos, passaram a usufruir benefícios não disponíveis para aqueles que não jogavam pelo time da

empresa, como folgas para treinos, promoções mais rápidas e funções mais leves dentro do sistema produtivo. Em contrapartida, difundiam o nome da companhia ou de seus produtos pelos campos da cidade em que disputavam partidas de futebol.

Ao estudar o futebol desenvolvido nas fábricas em São Paulo, Fátima Antunes apresenta os interesses de seus empresários em torno da formação de seus times: domesticação dos corpos dos funcionários para o trabalho, construção de uma identidade entre patrões e funcionários e o suporte publicitário barato para as empresas. A mercantilização do futebol foi vislumbrada por diversos empresários em um processo que deu origem a times como o São Paulo Railway (atual Nacional Atlético Clube) e o Cottonificio Rodolfo Crespi F. C. (atual Clube Atlético Juventus). Evidentemente, aos empresários caberia o papel proeminente e aos operários, o subalterno, dentro da hierarquia desses clubes.

O processo tomou tal vulto que a Light se orgulhava de ter organizado a primeira partida noturna da história do futebol em um campo utilizado por seus funcionários em terreno da própria companhia no bairro do Cambuci, bairro também varzeano, que fica às margens do rio Tamandateí, ao sul da várzea do Carmo, em 1923. A partida foi disputada pelas equipes Sociedade Esportiva Linhas e Cabos, formada por funcionários da Light e a Associação Atlética República, e foi internacionalmente reconhecida como um feito da empresa. (STREAPCO, 2016, p. 43-44).

No documentário “ENTRE RIOS - a urbanização de São Paulo” da editora Contexto dirigido por Caio Silva Ferraz realizado em 2009, o professor Nestor Goulart Reis afirma que “no momento em que os jesuítas chegaram na então São Paulo de Piratininga, instalaram sua capela ao lado de duas tribos indígenas que viviam no alto de uma colina, um local estrategicamente proveniente para a fundação de uma vila: um ponto plano entre o Rio Tamandateí e o Rio Anhangabaú, que ao se encontrarem, desaguam no Rio Tietê, podendo assim circular por toda a região do Estado.”

Ainda sobre o documentário, durante aproximadamente trezentos anos, São Paulo só existiu por conta dos seus rios. O Rio Tamandateí em um determinado momento, beirou a Rua Vinte e Cinco de Março e nas suas margens havia um porto. E quando isso acontece, certamente a área fica propícia para a realização de comércios populares.

A expansão do café pelo interior do Estado, atraiu muitos investimentos para a cidade e em 1867, é inaugurada a Ferrovia São Paulo *Railway*, única ferrovia que fazia ligação com o mar. Foram esses trilhos que marcaram o desenvolvimento de São Paulo para a modernidade, transformando o cotidiano da cidade e conseqüentemente a relação da população com os rios. Com a criação das ferrovias, as distâncias foram se encurtando e em pouco tempo os rios passaram a ser “problemas” para a expansão da cidade.

A expansão da mancha urbana paulistana ocorreu inicialmente pela construção da ferrovia Sorocabana que cortava a várzea do Tietê, atraindo indústrias e operários. A Companhia *City* e a Companhia *Light*, foram as principais responsáveis pelo processo de valorização das terras. As primeiras indústrias que se instalaram em São Paulo também ocuparam os terrenos da várzea. O motivo para isso foi a proximidade com as ferrovias, o que facilitava o recebimento

de matéria prima e maquinário vindos do exterior. Indústrias de tecido, de móveis, de vidros e pequenos negócios como carpintarias, sapatarias, pensões e restaurantes passaram a ocupar os terrenos inundáveis da várzea, que sofreram aterros para que a ocupação pudesse ocorrer.

Ao longo do rio Pinheiros não teria lugar uma ocupação de caráter eminentemente industrial. As estratégias de valorização das terras em direção ao Pinheiros, ao tempo que se realizava a drenagem das várzeas, tornaram-se muito caras para que nelas se generalizassem usos industriais. Sobre o uso industrial das terras ao longo do Tietê foi possível constatar que até 1930, antes das obras de retificação, algumas indústrias localizaram-se sobre as várzeas e nos baixos terraços ocupando terrenos acima da cota dos 720 metros como, por exemplo, a Nadir Figueiredo, Irmãos Spina, Vidraçaria Santa Marina, P. Maggi-Cordas e Barbantes, Antártica, Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, Camas Patente, entre outras. (SEABRA, 2015, p. 19-21).

A construção do Viaduto do Chá foi o primeiro marco de superação em relação a esse papel dos rios de “obstáculos” ou “pedras no caminho do desenvolvimento”. Fazendo a ligação do Centro velho com todos loteamentos que surgiam a oeste de São Paulo, que aos poucos foi se tornando bairros das residências da grande elite cafeeira que vinha do interior para usufruir dessa tal modernidade que ali se formara, contando com uma infraestrutura de grandes cidades europeias e de um ponto importante: o uso da água encanada.

Segundo o professor Alexandre Delijaicov, “em 1878, os loteadores fundaram o primeiro sistema de abastecimento de água da cidade, a Companhia de Água e Esgotos Cantareira; e quanto maior é o número de pessoas vivendo em um local, maior é a necessidade de água. Quanto maior o uso da água, maior é o esgoto gerado. Esse esgoto era despejado nas várzeas dos rios que cruzavam a cidade, o que resultava em grandes problemas sanitários. Mas a São Paulo do futuro não podia parar e logo uma solução para a questão foi apresentada: aterrar a área dos leitos dos rios prejudicada pelos esgotos, loteando-as e vendendo para fazer dinheiro. Logo, os argumentos sanitaristas e hidráulicos serviram como grandes objetivos mercantilistas.”

Aliado ao urbanismo, o higienismo ganha corpo ainda no século XIX, atuando sobre as áreas mais empobrecidas da cidade de São Paulo, como os cortiços e as várzeas dos rios, em uma busca por limpeza dos espaços e dos corpos, com o pensamento de que a cidade demanda uma intervenção da ordem e disciplina das condições de vida e do próprio trabalho por meio da higiene pública. Utiliza-se dos discursos do progresso como uma utopia para que se possa disciplinar os espaços e corpos. Também a pobreza é associada às doenças causadas pela falta de higiene em moradias insalubres e aos odores exalados pelos ambientes propícios à propagações e manifestações perigosas de todo tipo, inclusive doenças contagiosas.

A retificação do curso desses rios, a partir de certo momento, parece ter sido uma necessidade histórica em face da centralidade de São Paulo no processo geral de

transformações que apareciam na materialidade propriamente urbana da cidade, desde o final do Século XIX. Foi também a demanda por saneamento das várzeas (nas proximidades da cidade), em face das epidemias que atingiam a cidade de São Paulo, principalmente os bairros pobres, que o sanitarismo, como parte do programa higienista, exigia a drenagem de pântanos. (SEABRA, 2015, p.13).

Além disso, no documentário “ENTRE RIOS - a urbanização de São Paulo”, Odete Seabra informa que “os rios não deixavam de ser grandes obstáculos nessa grande expansão e a próxima etapa foi efetuar as canalizações, cortando suas curvas, os meandros e afundar seu leito, assim levando o esgoto muito rápido para longe da vista das pessoas, e assim, os rios foram cedendo seus espaços”.

Em 1920, os dois rios que dividiam a cidade foram transformados em parques: o Parque do Anhangabaú (já canalizado) e o Parque Dom Pedro II, às margens do Tamandateí. Em relação aos Rios Tietê e Pinheiros, são rios de planície, ou seja, rios lentos, com meandros, que serpenteiam por onde passam principalmente sob as várzeas e conforme as cheias, os rios mudavam até mesmo seu traçado dentro da chamada várzea de inundação periódica dos rios. Essas áreas ocupadas pelas águas apenas em uma fase do ano despertava um grande interesse imobiliário. As inundações castigavam a população mais pobre que se submetiam a morar nas áreas baixas, resultando assim em um transtorno político que alimentavam as discussões da canalização do Rio Tietê, como citado no documentário.

Ainda sobre o documentário, foi na Escola Politécnica que ocorreu alguns debates sobre a questão, e o engenheiro Francisco Saturnino de Brito, presidente da Comissão de Melhoramentos do Rio Tietê na década de 20 propôs “o resgate da orla fluvial urbana do primordial logradouro público da futura metrópole”, devendo garantir a integridade do leito maior da várzea do Rio Tietê, com a criação de bosques e parques, algo confrontado por Francisco Prestes Maia com a ideia da criação do Plano de Avenidas da Cidade de São Paulo. Junto com Ulhôa Cintra, Prestes Maia defendia aquilo que os grandes empreendedores queriam ouvir. O Plano de Avenidas Radial Concêntrico, como as grandes cidades cortadas por rios: Moscou, Paris e Viena. Mas existia uma situação em que Prestes Maia deixou de lado, que eram os anéis hidroviários e ferroviários dessas grandes cidades, tudo isso para colocar as famosas “máquinas de quatro rodas” em circulação na cidade. Portanto, o automóvel passa a ser uma “peça chave” de um discurso de modernização não progressista e sim, conservadora, que propunha transformar a cidade em uma Chicago da América do Sul, tomada por arranha-céus, autopistas, automóveis espalhados por toda São Paulo.

Ao longo do documentário é apresentado que em 1938, Prestes Maia foi nomeado prefeito de São Paulo e começou a concretizar as obras do seu plano. Para construir uma

avenida, seria necessário desocupar uma grande área e um dos planos dava ênfase total à utilização dos fundos de vale dos rios e dos córregos para a construção das avenidas. Impróprias para a construção, essas áreas úmidas e alagadiças eram os espaços vazios da cidade (Vale do Itororó, Vale do Saracura) o que garantia baixos custos com desapropriações e a valorização dos entornos após a concretização da obra.

As principais avenidas de São Paulo, como as Marginais Pinheiros e Tietê, as avenidas do Estado, Nove de Julho e Vinte e Três de Maio, estavam propostas no Plano de Avenidas que estruturou o modo de expansão da cidade. Maia ficou no poder até 1945 e neste período, retificou o Rio Tietê, construiu a avenida Nove de Julho e realizou uma série de obras viárias com o intuito de abrir espaço para o uso do automóvel.

[...] projetos como o Plano de Avenidas e a realização de diversas obras como a Avenida Nove de Julho e o Estádio Municipal apresentavam para a municipalidade as novas formas de ocupação das várzeas da cidade intencionadas pela Prefeitura, com os rios devidamente canalizados e ocupados pelas grandes avenidas, soluções que foram largamente adotadas na segunda metade do século XX. O processo, testemunhado pelos habitantes da cidade e descrito por Raquel Glezer, de grandes intervenções urbanas desse período começou ainda no final dos anos 1930 e se consolidou em meados dos 1970, representando um duro golpe ao chamado futebol varzeano. Nesse período, todo o leito do rio Tamanduateí foi canalizado, boa parte foi transformada em pista para automóveis e sumiu da paisagem urbana; as margens dos rios Tietê e Pinheiros viraram grandes avenidas expressas; outras várzeas viraram avenidas. Os terrenos vazios desapareceram junto com os campos servindo de justificativa para muitos paulistanos afirmarem que o futebol de várzea corria o risco de morrer. (STREAPCO, 2016, p. 30-31).

Nas décadas seguintes, várias outras avenidas de fundo de vale foram construídas, a cidade crescia e a cada nova baixada seu córrego era canalizado e transformado em avenida. O Plano de Avenidas inaugurou uma prática que se estabeleceu como modelo na estruturação da cidade, onde o espaço das águas se transformou no espaço dos carros.

Já com os rios canalizados, a velocidade de escoamento aumentou e as estruturas criadas as pressas por conta desse processo arrebatador de expansão da cidade, já não suportava o volume de águas em épocas de cheias, unindo ao esgoto sem tratamento lançado diretamente nos rios, novos problemas surgiam, como vemos na figura abaixo.

Figura 1 - Marginal Tietê, Zona Norte, 1960



Fonte: ITALIANADASSP (2010).

A cidade de São Paulo foi palco, portanto, de um processo de “atualizações tecnológicas”, por meio da liderança da Light nos empreendimentos urbanos, empresa que personificava a modernidade e o progresso material. Essa transformação da natureza é o que David Harvey chamou de “destruição criativa”, da formação de uma natureza remodelada pela ação humana, especialmente intensa com a propagação do capitalismo. A destruição criativa ao ser comandada pelos interesses da Light, na busca incessante pela reprodução de seu capital, impôs um processo conhecido como “acumulação por espoliação”. (SEABRA, 2015, p 10).

O “progresso” capitalista não tardou a chegar e afetar os lugares consagrados pela cultura popular. A retificação dos rios Pinheiros e Tietê, a partir dos anos 1950, eliminou da paisagem urbana inúmeros campos de várzea (SEABRA, 1987), provavelmente mais de uma centena. Nas últimas três décadas, fatores diversos como expansão brutal do tráfego de veículos e especulação imobiliária proporcionaram uma forte redução no número de campos de várzea na cidade de São Paulo, embora se note uma quantidade expressiva destes na periferia metropolitana. Ao mesmo tempo, proliferam campos fechados, de acesso pago, de uso social muito restrito (JESUS, 2004, p. 6).

Compreende-se que o público e o privado caminham juntos na produção da cidade. A estruturação do setor público não pressupõe em si mesma a superação do privado, pois, ao contrário, o viabiliza. A constituição do urbano como social nas condições históricas do desenvolvimento capitalista viabiliza um amplo espectro de atividades de produção e consumo privados. Pela via do Estado, através dos investimentos públicos, se criam condições sociais gerais que concretizando o fenômeno urbano, materializam-se no espaço da cidade. [...] A adoção de uma perspectiva histórica permite detectar o momento a partir do qual já se constitui um mercado de terra urbana na cidade e como a drenagem das várzeas abriu possibilidades para novos usos. Usos urbanos pelos quais as propriedades eram inseridas num mercado sempre em expansão porque a cidade, à medida que crescia, redefinía sem cessar as possibilidades de uso do solo; solos tornados mercadoria. A partir da cidade, dos seus processos internos relativos à diversificação de sua estrutura produtiva, com o desenrolar do processo de

industrialização, chegamos à várzea como “limite” natural e histórico e, inversamente, a partir da várzea foi possível pôr em perspectiva os processos que ela passara a abrigar como consequência do crescimento da cidade de São Paulo. (SEABRA, 2015, p. 15 e 31).

A cidade se desenvolvia de maneira muito rápida e necessitava de espaços e práticas de lazer, que ainda não faziam parte do contexto paulistano, com a introdução da prática do futebol. O crescimento do futebol em conjunto com a cidade, possibilitou o surgimento de clubes, e o interesse desses novos que surgiram contribuíram para garantir o espaço do futebol na cidade, ou seja, a prática do futebol ajudou a moldar a cidade².

Nota-se que o futebol dos operários ganha contornos de extrema importância ao que podemos apontar nas relações de dominação e resistência, através de uma organização específica de um espaço determinado para as redes implantadas pela sociedade. Para Cláudio Batalha (BATALHA, 2004, p.114) “os clubes transformaram-se em mais um dos mecanismos de controle da empresa sobre seus empregados”. Ou seja, patrocinar um clube passou a significar a criação de amizade com os trabalhadores, o que contribuiu para a desmobilização da luta sindical ao reforçar a identidade trabalhador-fábrica. Talvez Batalha tenha razão, uma vez que o fenômeno não se limitou ao futebol, uma vez que as diversas agremiações clubísticas promoviam bailes dançantes, concursos de beleza e bailes carnavalescos. Mais do que uma cultura operária, uma cultura fabril. Uma espécie de “coronelismo esportivo” que diminuía a distância do empresário em relação aos seus contratados³.

Fato é que indústrias paulistas começaram a investir na criação de seus clubes. Nos anos 1920, era difícil apontar uma indústria da capital paulista que não tivesse um time ou um clube de futebol. Apenas para ficarmos em São Paulo, podemos mencionar mais alguns clubes que continuaram ligados a empresas: Fábrica Sant'Ana, Gasômetro F.C., Associação Esportiva Casa Pratt, Maria Zélia F.C., Aniagem Paulista, Bloco Paraíba F.C., além dos grêmios das companhias inglesas como a São Paulo Railway, Gas Company e Light & Power (ANTUNES, 1992, p. 33). Talvez porque a classe empresarial teria passado a enxergar na proliferação do esporte uma forma de promoção da empresa (ideia de empresa vencedora), de propaganda de seus produtos, de manutenção de certo grau de controle e de disciplina sobre o tempo livre dos trabalhadores, além de passar a imagem de instituição preocupada com o fortalecimento físico e com o divertimento de seus trabalhadores. No entanto, um objetivo pouco claro, diria oculto:

² ALMEIDA, Marina Oliveira de. **São Paulo: origens do futebol na cidade**. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/sao-paulo-origens-do-futebol-na-cidade/>. Acesso em: 20 jul. 2022.

³ KUPPER, Agnaldo. **FUTEBOL E MOVIMENTO OPERÁRIO BRASILEIRO: UMA PELEJA DESIGUAL**. Universidade Estadual Paulista – Unesp, Assis, 2018.

retirar os operários das discussões e organizações sindicais. Vale lembrar que o avanço do futebol passou a receber destaque junto à imprensa brasileira, tornando-se esta parceira da proliferação do esporte. De forma tímida, mas atuante. Pelo menos nesta década⁴.

O rio Tietê, inicialmente distanciado do núcleo original da cidade, durante o século XX foi gradativamente se aproximando da estrutura urbana de São Paulo, até se tornar um elemento componente de sua paisagem. Seu traçado foi retificado e canalizado, e este passou a receber vias expressas em ambas as margens, presenciando o surgimento de novos centros comerciais e a formação dos primeiros clubes esportivos já no final do século XIX. (MONTEIRO, 2010).

O nome Ponte Grande é proveniente da velha ponte de madeira, sustentada por cinco pilastras de ferro, que servia de travessia para o bairro de Santana, próxima ao centro da cidade. A região era formada por chácaras, como a Chácara Floresta e a Chácara Couto de Magalhães. A Ponte Grande acabou demolida em 1940, dando lugar à construção da Ponte das Bandeiras, e à retificação do rio Tietê, durante a gestão do prefeito Francisco Prestes Maia. (NICOLINI, 2001).

Na Chácara Floresta foram criados os primeiros clubes esportivos da cidade, como o Clube de Regatas São Paulo, Clube de Regatas Tietê, Associação Atlética São Paulo, Sport Club Corinthians Paulista, Associação Portuguesa de Desportos, o Deutsch Sport Club, além de inúmeros campos de futebol que foram se distribuindo pelas várzeas do Tietê, próximos aos bairros da Penha, Vila Maria, Canindé, Lapa, Barra Funda, Ipiranga e Vila Prudente (MONTEIRO, 2010; NICOLINI, 2001), E mencionando o Canindé, situado no distrito do Pari, no interior da área definida como centro expandido do município de São Paulo, onde encontra-se a sede dos clubes de futebol de várzea referenciados nesta pesquisa e é no que debruçaremos nos capítulos seguintes.

⁴ KUPPER, Agnaldo. **FUTEBOL E MOVIMENTO OPERÁRIO BRASILEIRO: UMA PELEJA DESIGUAL**. Universidade Estadual Paulista – Unesp, Assis, 2018.

3 O BAIRRO DO CANINDÉ NO DISTRITO DO PARI

Dentro de uma divisão administrativa local existe uma hierarquia simples: primeiro vem o município de São Paulo, em seguida as subprefeituras, composta por distritos, subdistritos e, por fim, os bairros. Até 1992, na gestão Luíza Erundina (PT), o município de São Paulo possuía 11 distritos: Perus, Jaraguá, Sapopemba, São Mateus, Guaianases, Itaquera, Itaim Paulista, São Miguel Paulista, Ermelino Matarazzo, Parelheiros e o próprio distrito de São Paulo. Além deles, o município tinha 48 subdistritos. Essa conjuntura se deu após o fim da ditadura militar no Brasil, onde, durante o processo de redemocratização do país, existia uma vontade de descentralizar cada vez mais o poder público e dar mais autonomia ao poder local⁵.

Para descentralizar cada vez mais as decisões do poder público e dar uma maior autonomia às regiões, novas divisões foram realizadas no município de São Paulo, totalizando assim, 96 distritos.

A Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento (SMUL), informa que os limites territoriais das novas divisões foram moldados através de estudos elaborados por diversos órgãos, tendo em vista alguns fatores: demográficos, urbanísticos, físicos, territoriais e políticos.

De acordo com a reportagem da Agência Mural sobre “Como São Paulo é dividida de maneira territorial e administrativa”, é comum que haja confusão entre os conceitos de distrito e bairro. Os distritos são territórios divididos de forma administrativa. Cada um deles é uma espécie de conjunto de bairros que estão próximos. Na teoria, podemos considerar um distrito como um “município em potencial”, significa, portanto, que um distrito tem total capacidade de se emancipar e se transformar em um município. Um bairro já não possui uma definição técnica, depende mesmo da identificação do próprio morador do local.

Dando um exemplo da região estudada, é comum em uma roda de conversa, querer definir a delimitação de onde começa e termina o distrito do Pari e onde começa e termina o bairro do Canindé.

No processo de estruturação da metrópole, os bairros participam como integrantes e construtores. A compreensão do bairro na metrópole perpassa pelo plano do vivido⁶ e do lugar.

⁵ REDAÇÃO. **Como São Paulo é dividida de maneira territorial e administrativa?**. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/sao-paulo-divisao-territorial-e-administrativa/>. Acesso em: 20 jul. 2022.

⁶ Para Henri Lefèbvre o “plano do vivido” significa “o lugar”. O lugar como o espaço do vivido e como ponto de realização do mundo. (LEFÈBVRE, 2000). Ana Fani A. Carlos definiu maravilhosamente o “plano do vivido” ao analisar a obra de Dostoiévski: “os sofrimentos, a humilhação presentes, mas também a alegria, a emergência do desejo, o acaso que produz as metamorfoses da vida cotidiana, dando importância ao ‘acidental’ e a ‘subjetividade’ que muda o sentido repetitivo; nessa dimensão, o repetitivo contém coisas novas, capazes de engendrar diferenças, pois ela contém o devir” (CARLOS, 2001:306).

O lugar entendido como o espaço no qual as relações sociais são vivenciadas, o espaço apropriado por moradores e frequentadores. O movimento das transformações e estagnações de áreas localizadas na estrutura da metrópole é um conteúdo do processo de reprodução social.

É o lugar de moradia que concentra as pessoas, permitindo o estabelecimento de relações personalizadas e duradouras, que constituem a base da particular identidade produzida no espaço. (MAGNANI, 1998, p.116).

Escutando muitos depoimentos, nós percebemos que os bairros têm não só uma fisionomia como uma biografia. O bairro tem sua infância, juventude, velhice. Esta, como a das árvores, é a quadra mais bela, uma vez que sua memória se constituiu. Nas histórias de vida podemos acompanhar as transformações do espaço urbano; a relva que cresce livre, a ponte lançada sobre o córrego, a divisão dos terrenos, a primeira venda, o primeiro bazar. As casas crescem do chão e vão mudando: canteiros, cercas, muros, escadas, cores novas, a terra vermelha e depois o verde umbroso. Arbustos e depois árvores, calçadas, esquinas... uma casa pintada de azul que irradia a luz da manhã, os terrenos baldios, as ruas sem saída que terminam em praças ermas inacabadas por dezenas de anos. (BOSI, 2003, p. 204).

Um bairro é compreendido como uma parte, um fragmento da cidade cujos atributos se relacionam e se identificam entre si, não é apenas uma divisão geográfica, uma delimitação espacial. Um bairro é entendido dentro do conceito antropológico, no qual a apropriação dos moradores e dos “usadores”⁷ (Lefebvre) do lugar é que determina suas características sociais e, portanto, seu limite. Assim, um bairro não é visto apenas no seu limite físico, mas como uma unidade estruturada, organizada, de grupos, dispondo de certos momentos de hierarquia homogênea de valores à qual o indivíduo pertence necessariamente. É um determinado espaço onde ocorrem as relações sociais dos moradores e frequentadores, e é nessa reprodução das relações sociais do cotidiano que o bairro se realiza e se estabelece⁸.

Além disso, a base da vida urbana para LEFÈBVRE é o centro. É a noção de centralidade que constrói, que torna possível a cidade e seus bairros. Por isso, a centralidade é a essência da cidade.

A todos quantos vivam a qualquer distância do centro mas se reconheçam nele pertence a cidade. A cidade e seus bairros como núcleos da vida local constituem uma unidade plena de diversidade (SEABRA, 2001:2).

⁷ No conceito de Henri Lefebvre, o usador é o que se apropria efetivamente do espaço urbano. Lefebvre via uma ambiguidade na palavra usuário.

⁸ PACCA, Penha Elizabeth. **A estagnação urbana como parte da metrópole paulistana do século XXI - o caso do Pari**. 2010. 287 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Por isso, o bairro não pode ser pensado de forma atemporal, ou seja, ignorando a história da cidade, pois ele não tem um grau de realidade constante ao longo dela e sua existência histórico-concreta depende da conjunção de vários aspectos da sociabilidade de um local ao longo de um dado período⁹. Daí afirmar LEFÈBVRE (1975) que o bairro não é a essência da vida urbana, sendo uma organização espacial mais conjuntural do que estrutural.

Torna-se, portanto, necessário compreender qual é o estatuto do bairro na história urbana e por que tanto se evoca o bairro. Afinal, é preciso não deixar margem às ontologias nem às nostalgias. Impõe-se compreender a historicidade do bairro (SEABRA, 2000:11).

O distrito do Pari se localiza próximo do centro da cidade de São Paulo: o centro, o bairro e o distrito apresentam contradições que permitem a discussão de muitos aspectos, não à toa, foi o recorte espacial escolhido para este trabalho realizado. O processo de estruturação da grande metrópole está em torno dos bairros e do segmento entre eles, mesmo que ocorram fora deles. Portanto, é importante situar o distrito do Pari na metrópole, mostrar suas características geográficas e a história de sua ocupação territorial¹⁰.

A nomenclatura “Pari” está relacionado à época que os pescadores passaram a colocar em certos pontos do rio uma armadilha chamada “pari”, daí nasceu o nome do bairro, e que consistia em uma cerca de taquara ou de cipó estendida de margem a margem do rio¹¹.

O distrito do Pari é composto pelos bairros Canindé e Pari. Está localizado no encontro dos rios Tietê e Tamanduateí, na margem esquerda do Tietê, em direção nordeste do centro histórico do município. O Pari já pertenceu à Administração Regional da Sé e hoje está inserido na subprefeitura da Moóca, desde a criação das subprefeituras (Lei N° 13.399/2002).

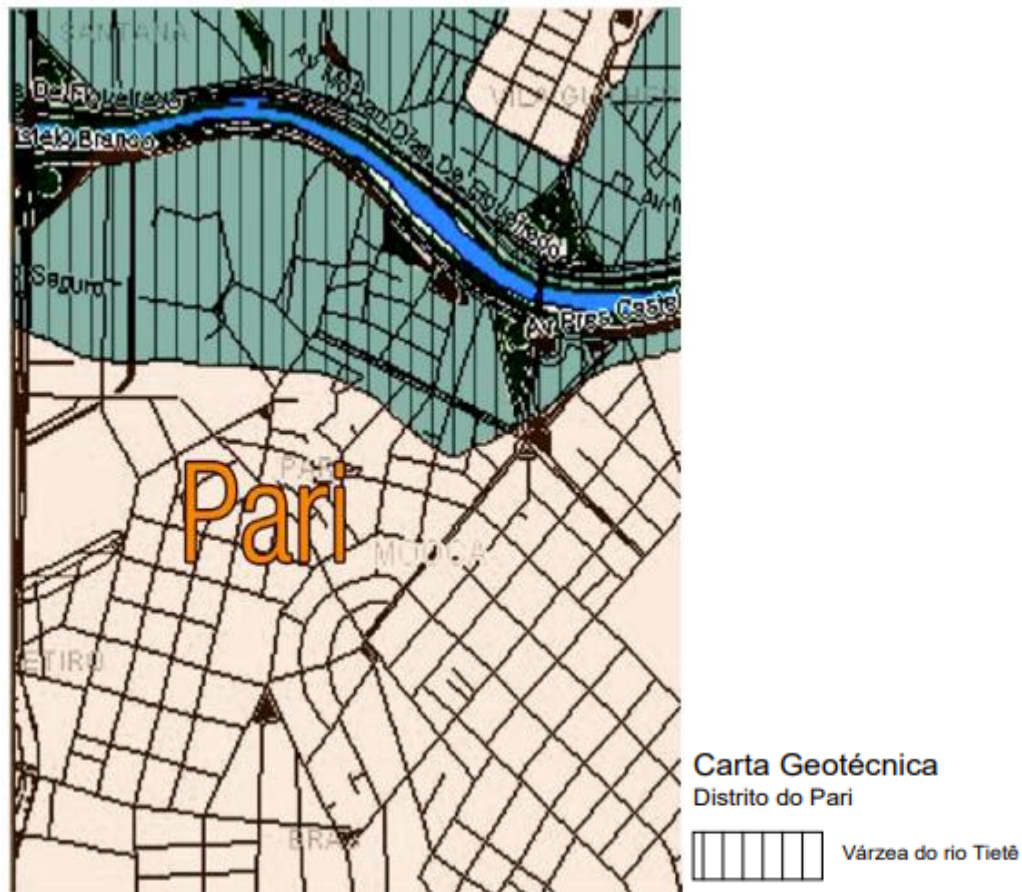
O distrito possui sua maior área em planície de inundação, com terraços fluviais típicos entre 724 e 730 metros de altitude (mapa 1). Destaca-se, em particular, o Alto do Pari, onde ocorre um acidente geomorfológico, encontrado na zona de transição entre os terraços do Brás e da Moóca, pontos raros na configuração do município de São Paulo que constituem “verdadeiros ‘assoalhos’ mais salientes da antiga capa sedimentária aluvial dos terraços típicos em nível 730 a 735” (AB’SÁBER, 1958), conforme pode se ver no Mapa 1 abaixo:

⁹ Segundo LEFÈBVRE (1975), “a sociologia admite níveis de realidade, como também de pensamento; não há um ‘tudo ou nada’ de existência, de realidade, de coerência sociológica, mas uma extensa gama” (p. 201).

¹⁰ PACCA, Penha Elizabeth. **A estagnação urbana como parte da metrópole paulistana do século XXI - o caso do Pari**. 2010. 287 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

¹¹ ALVES, Danilo Janúncio. **HISTÓRIA DOS BAIRROS PAULISTANOS - PARI**. Disponível em: http://almanaque.folha.uol.com.br/bairros_pari.htm. Acesso em: 09 set. 2022.

Mapa 1 - Relevo do distrito do Pari – PMSP



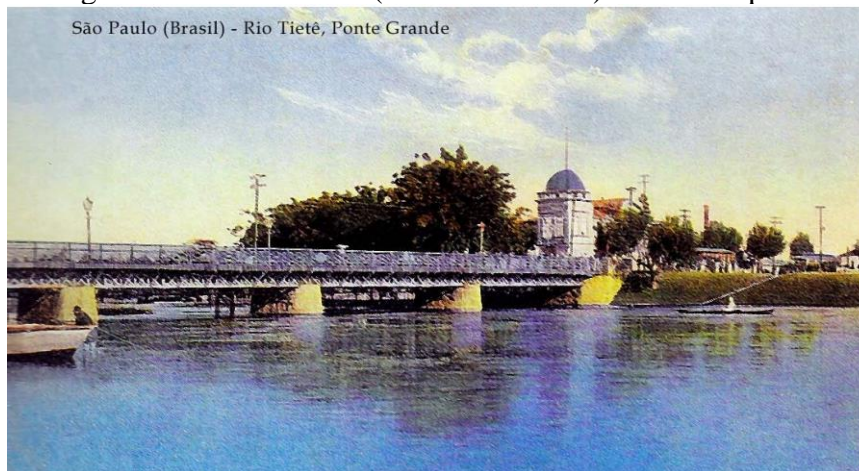
Fonte: GEOSP/PMSP,2008 / Escala Cartográfica 1:4.200.

Para possibilitar a ocupação da área do distrito do Pari, a retificação do rio Tietê foi necessária pois suas águas cortavam grandes trechos do bairro do Canindé. No ano de 1849, através da retificação do rio Tamanduateí, uma parte de sua várzea foi eliminada, facilitando a construção da Ponte Pequena sobre o rio Tamanduateí, com a qual o Pari se beneficiou. Essa ponte ligava a rua Pedro Vicente ao Bom Retiro, cruzando a avenida Cruzeiro do Sul¹².

A primeira Ponte Grande (figura 2) foi construída em 1675, e em meados do ano 1700, foi substituída por outra, que resistiu até o final do século, quando então foi construída outra ponte, com base de alvenaria (tijolo e cimento, em vez de apenas madeira) (Ogawa, 2009).

¹² PACCA, Penha Elizabeth. **A estagnação urbana como parte da metrópole paulistana do século XXI - o caso do Pari**. 2010. 287 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

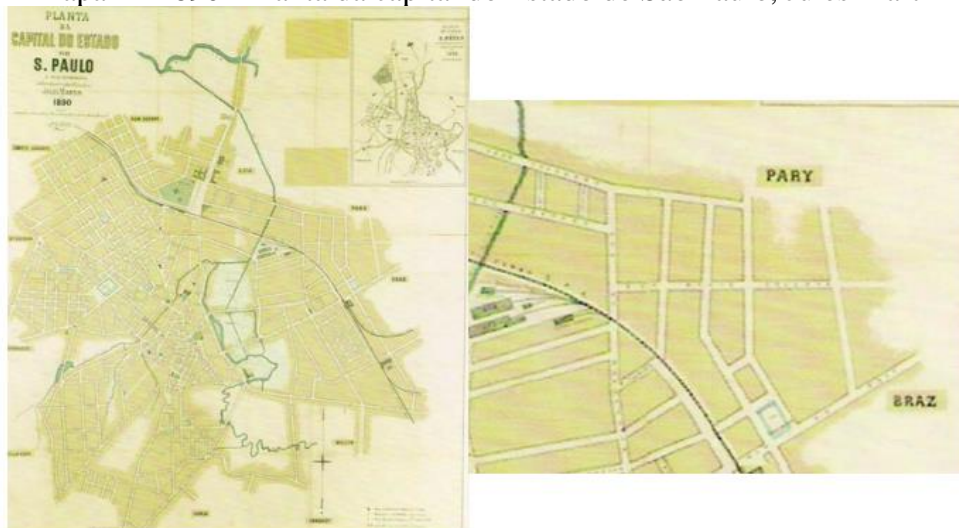
Figura 2 - Ponte Grande (sobre o rio Tietê) em cartão-postal



Fonte: AMADIO, Decio, 2004: 185.

Na planta de 1890 (mapa 2) como se trata de uma planta de rios, não há especificação dos bairros. Junto ao bairro do Pari, o bairro do Canindé, conhecido anteriormente por Guaré, loteado a partir de uma chácara de Couto de Magalhães, em 1856, adotando o nome de uma das principais cidades do estado do Ceará, Canindé (AMADIO, 2004:358).

Mapa 2 - 1890 - Planta da capital do Estado de São Paulo, Jules Martin



Fonte: Arquivo Municipal - Secretaria Municipal de Cultura - PMSP.

A palavra Canindé se originou do termo tupi “kanindé” com a letra “k”, que significa arara de belas penas azuis escuras. O bairro foi fundado em 1856 e era formado por pequenas chácaras. No início do século XX era apenas um amontoado de pequenas casas, mas, o local cresceu e se tornou um bairro de operários, a maioria imigrantes vindo de Portugal e da Itália¹³.

¹³ IDENTIDADE SP. **Canindé**. Disponível em: <http://identidadesp.com.br/caninde/>. Acesso em: 02 out. 2021.

A história do distrito do Pari está calcada nos seus imigrantes, e torna-se muito difícil falar do bairro sem falar das inúmeras etnias que acolheu. Sua população foi inicialmente formada por portugueses e italianos. Após a década de 1950 vieram imigrantes de diversas nacionalidades: árabes, espanhóis, judeus, armênios, gregos, chineses e japoneses. A partir da década de 1980, começaram a chegar coreanos, bolivianos e os paraguaios (PACCA, 2010, p. 62).

“Sou descendente de italianos e vivenciei o crescimento da cidade. Meu pai tinha uma padaria na Barra Funda, morei na Casa Verde, mas trabalhei por muito tempo no bairro do Canindé no ramo alimentício com o comércio de doces. Vivia fazendo entregas na Marsil e Bela Vista. O Pari e a Vila Guilherme tinham muitas fábricas e lojas de doces. Sinto saudades do Tietê limpo, dos passeios com a minha esposa, e principalmente dos remos. Praticava todos os tipos de esporte até eu encontrar minha paixão nas corridas de cavalos no Parque do Trote.” (Carlos Matarazzo, 88 anos de idade, hoje morador da Vila Maria e antigo jóquei).

O Pari passou a se desenvolver rapidamente após o ano de 1885, assim como toda a cidade de São Paulo. Por estar próximo do centro principal e ainda fazer parte da rota da estrada de ferro, além da implantação da alfândega seca (que se instala em um ponto terrestre) do Pari, o que foram fatores essenciais para a ocupação da região. Também passava pelo Pari, um caminho de tropas que levava até o bairro da Mooca e prosseguia para a Freguesia da Penha. Atualmente, ainda há marcas deste percurso com a presença de um antigo chafariz onde os tropeiros paravam para matar a sede e a sede dos animais, que se localiza na Praça Padre Bento, mais conhecida como Largo Santo Antônio, onde se encontra a igreja de mesmo nome, fundada em 1911, ponto central do bairro¹⁴.

¹⁴ PACCA, Penha Elizabeth. **A estagnação urbana como parte da metrópole paulistana do século XXI - o caso do Pari**. 2010. 287 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Figura 3 - Chafariz na praça Padre Bento



Fonte: Pesquisa de Campo. Foto do autor (2022).

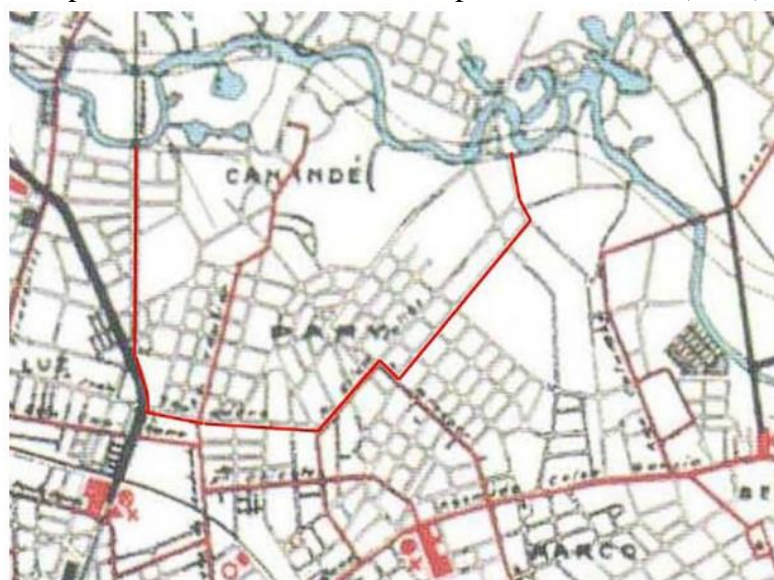
Figura 4 - Igreja Santo Antonio do Pari



Para Claval (2007) a cultura seria a ordem do simbólico, a mediação entre o homem, a sua relação com a natureza e com o desenvolvimento das técnicas, enquanto o espaço seria onde ocorrem as manifestações.

Assim como a cultura, a tradição e a história medeiam a mudança econômica, também medeiam o modo como as pessoas usam a territorialidade e o modo como elas valorizam a terra. [...] A territorialidade, como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico por meio do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significados. (SACK, 1986, p. 219 *Apud* HAESBAERT, 2004, p. 3).

Mapa 3 - Distrito do Pari, Município de São Paulo (1930)



Fonte: Arquivo Municipal – Secretaria Municipal de Cultura – PMSP / escala original 1:30.000.

Mapa 4 - Distrito do Pari, Município de São Paulo (1940)



Fonte: Voo VASP, SBD/FFLCH/USP.

Mapa 5 - Distrito do Pari, Município de São Paulo (1952)



Fonte: Voo VASP, SBD/FFLCH/USP.

Na época os limites dos distritos não eram os mesmos de hoje e dentro do conceito de bairro o local era indicado como o Pari. Portanto, o Pari nasceu praticamente colado ao bairro

vizinho, de modo que dependia da percepção de cada um considerar o lugar como o Pari ou Brás. (TORRES, 1985:113 e 114).

Segundo o *capomastri* Oliveiro Fuzari, “na década de 1920 era ainda formada por pastos, chácaras e várzeas”, por esse fato algumas das principais ruas possuem seus nomes fazendo referências às águas, caso da Rua Cachoeira e Rua Rio Bonito, havia também pastos para criação de gado e olarias, outra referência para o nome da Rua das Olarias.

Podemos notar no Alto do Pari, que ainda se conserva traços marcantes da influência dos imigrantes italianos e portugueses, em sua forma de ocupação e do loteamento, com vielas de traçado irregular. As casas são praticamente juntas umas das outras, lembrando muito as ruas estreitas de cidades como Lisboa e Nápoles. São ruas que circundam a Praça Manuel Dias Henrique, como a Rua Sacramento, São Biaggio, Morro Grande e a Travessa Paulinho Baloeiro¹⁵.

Figura 5 - Travessa Paulinho Baloeiro, nº 01



Fonte: Pesquisa de Campo. Foto do autor (2022).

Figura 6 - Rua Sacramento, nº 14



¹⁵ PACCA, Penha Elizabeth. **A estagnação urbana como parte da metrópole paulistana do século XXI - o caso do Pari**. 2010. 287 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Figura 7 - Rua São Biagio, nº 01



Figura 8 - Rua Morro Grande, nº 11



Fonte: Pesquisa de Campo. Foto do autor (2022).

Os loteamentos executados no Pari levaram a uma ocupação em pequenos lotes, com implantação de casas geminadas, sem recuo frontal e lateral, sem quintal, numa repetição contínua. Verificou-se também a produção de casas de cômodos, conhecidos comumente como cortiços, além da adaptação posterior de outros imóveis para esse fim. O Pari foi ocupado na sua maior parte como um tabuleiro de xadrez, do qual fazia parte grande parte do antigo leito do rio, estendido por quadras amplas. O traçado dos loteamentos, contudo, não é todo homogêneo. Embora nos mapas se visualize uma grande extensão de traçado retangular, pode-se verificar que há uma diferença no Alto do Pari, com suas ruas estreitas citadas acima e o parcelamento em forma de arco, inserido entre as ruas Rio Bonito, Paraíba e Carlos de Campos, com características predominantemente residenciais, de padrão superior às outras do bairro¹⁶.

¹⁶ PACCA, Penha Elizabeth. **A estagnação urbana como parte da metrópole paulistana do século XXI - o caso do Pari**. 2010. 287 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Mapa 6 - Arco: Forma das ruas: Padre Lima, Coronel Morais e Rio Bonito



Fonte: Google Earth¹⁷ / Escala Cartográfica 1: 2.000.

Foi apenas depois de 1954 que o bairro do Canindé consolidou seu processo de ocupação demográfica. O Campo da Força Pública (Academia da Polícia Militar), até então vazio, aparece, a partir dessa data, tomado por algumas edificações. Encontravam-se também habitadas as transversais à Rua do Canindé, como as ruas Vidal de Negreiros, Afonso Arinos e Pasteur. Todas dominadas por habitações populares que ao longo dos anos foram sendo transformadas em cortiços ou imóveis abandonados¹⁸.

Nabil G. Bonduki ao estudar o problema da habitação popular em São Paulo, no período de 1886 a 1914, traz revelações interessantes sobre tal acomodação. Permite-nos compreender como, em face de tal crescimento populacional, a porção compactamente arruada da cidade não se havia expandido, pois os cortiços que começaram a se difundir no espaço da cidade, desde o final do século, em Santa Ifigênia, no Brás, Bexiga, Bom Retiro e na Barra Funda, permitiam essa acomodação. (SEABRA, 2015, p. 46).

¹⁷ GOOGLE EARTH. Google Earth. Disponível em: https://earth.google.com/web/search/Pari,+S%c3%a3o+Paulo+-+SP/@-23.53150998,-46.61722864,737.44390999a,1399.70301301d,35y,0.00000001h,0t,0r/data=CigiJgokCQshCIImqDZAEQkhCIImqDbAGVwHLd_BbC_AIWB5-JvpNV7A. Acesso em: 10 abr. 2022.

¹⁸ PACCA, Penha Elizabeth. **A estagnação urbana como parte da metrópole paulistana do século XXI - o caso do Pari**. 2010. 287 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Figura 9 - Rua João Teodoro, nº 94



Figura 10 - Rua Canindé, nº 64



Fonte: Pesquisa de Campo. Foto do autor (2022).

No capítulo anterior, o leitor tem acesso a algumas informações da área estudada, algo imprescindível e essencial no decorrer da leitura. Os moradores do bairro do Canindé, no distrito do Pari, por mais que sejam enquadrados como um bairro da Zona Leste, em um cotidiano, são atraídos pelo Centro, por proximidade e por existir uma relação histórica intrínseca é inseparável entre este e o bairro. Por esse motivo a área estudada se integra ao Centro Histórico do município.

O Centro Histórico está abrangido pelos distritos Sé e República, espaço circundado por um anel de bairros. São, em alguns casos, antigas áreas de uso misto com predominância industrial e outros apresentam comércio ou serviços especializados como o Brás, Pari, Canindé, Santa Ifigênia, Barra Funda e certos trechos da Mooca, do Cambuci, Bela Vista e Belém.¹⁹ Conseqüentemente, áreas de passagens do Rio Tietê e Tamanduateí, que favoreciam a prática do futebol de várzea. É o que discutiremos no subcapítulo que segue.

3.1 O FUTEBOL DE VÁRZEA

Muitas pessoas não entendem o significado do termo “futebol de várzea”, que nada mais é, que a mesma prática do futebol profissional visto nas televisões e em grandes estádios e arenas, com jogadores que usam chuteiras e uniformes da mais alta qualidade, conforto e tecnologia e que ganham salários absurdos, mas de forma contrária.

No futebol de várzea, o espectador vai encontrar traves enferrujadas, alambrados por um “fio”, campos de terra e uniformes descosturados, ou seja, aquele futebol de raiz, do povo, sem

¹⁹ PACCA, Penha Elizabeth. **A estagnação urbana como parte da metrópole paulistana do século XXI - o caso do Pari**. 2010. 287 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

estrutura alguma, mas com a mesma importância, sensações e emoções de um futebol profissional.

Segundo a justificativa feita no Projeto de lei Nº 230/2012, o futebol de várzea surge a partir da prática do esporte nos campinhos que ganharam vida nas várzeas do rio Tietê, antes mesmo de haver profissionalização do mesmo esporte no Brasil. A organização desta prática amadora fez surgir os primeiros times, também conhecidos como clubes de várzea. Estes clubes são, basicamente, sociedades informais que funcionam como ponto de encontro de amigos para os fins de semana, sendo assim, os clubes de várzea tiveram e ainda tem uma extrema importância na formação cultural e na sociabilidade da população paulistana.

De acordo com o artigo da Cecília Garcia na qual explica a gênese do futebol de várzea a sua relação com o direito à cidade, outro detalhe em relação ao futebol de várzea é sua função: uma consolidação como símbolo de organização social e luta pelo direito à cidade, em uma época onde a cidade começava a ser disputada espacialmente e a sofrer com a gentrificação.

Curiosamente, tais sujeitos das camadas mais pobres da população – principalmente os moradores dos bairros da Barra Funda e do Bom Retiro, na várzea do Rio Tietê – não rejeitaram a denominação associada ao seu futebol. Muito embora representasse uma série de conflitos, ela foi por eles incorporada tornando-se uma afirmação identitária corrente, prenhe de conteúdos novos já ao final dos anos 1920, a ponto de um antigo morador da Barra Funda, Sr. Alfredo Campos, assim rememorar-la: “[era] futebol de várzea, naquele tempo. Nem amador não se chamava”²⁰.

Da várzea do Carmo, o futebol varzeano se espalhou por todos os bairros da cidade, ocupou os terrenos disponíveis, dentro do processo de urbanização, até alcançar a impressionante marca de 600 equipes em 1930. Entre os anos 1930 e 1970, todas as áreas próximas aos córregos e rios da cidade se converteram em espaços utilizados para o futebol. Apenas no início dos anos 1970, as avenidas tomaram, definitivamente, o lugar dos campos e clubes. (STREAPCO, 2016, p. 44-45).

A denominação dada ao futebol praticado pelos grupos pobres da cidade – futebol varzeano – decorria do uso das margens dos rios e áreas adjacentes para a prática de futebol. O que era possível porque as várzeas da cidade apresentavam um limite para certos processos urbanos como habitações ou unidades industriais, já que eram superfícies inundáveis. A implantação das ferrovias desde o século XIX em áreas próximas, mas protegidas das inundações, transformou algumas áreas de várzea em redutos industriais, de concentração de depósitos e armazéns, além de lugar de atração para aqueles que buscavam trabalho, moradia mais barata ou lazer.

²⁰ Depoimento de Alfredo Campos, morador da Barra Funda, descrevendo sua infância e juventude no bairro. MUSEU DA PESSOA. **História de vida.** Disponível em: http://www.museudapessoa.net/_index.php/historia/5284-historia-de-vida?historia=integra. Acesso em: 20 set. 2022.

Aos poucos, a noção de várzea tornou-se mais abrangente e com o processo de ocupação das margens do rio Tietê, as áreas além dos trilhos da linha de trem entre a Lapa e a Barra Funda em direção ao rio Tietê ou entre a Avenida Celso Garcia e o mesmo rio também foram tratadas pela população como várzeas.

Ocorreu com as margens do rio Tamanduateí, ampliando-se posteriormente para abranger todos os habitantes de regiões sujeitas às enchentes nas várzeas de outros riachos e córregos da cidade. As populações pobres que ocupavam essas áreas ficavam conhecidas como varzeanas. (STREAPCO, 2016, p. 44-45).

Os clubes de várzea funcionavam com a parceria social da própria comunidade através da ajuda de um em relação ao outro, do dono da padaria com o sapateiro, do dono do bar com a loja de roupas, etc. Esse sistema criado pelas próprias pessoas através desses laços sociais é o que sustentava o futebol amador vivenciado nos bairros. E dela derivou a imagem eloquente que associava ‘parceria’ e ‘amor ao clube’, característicos dos valores que circulavam nesses bairros: a um jogo livre e criativo²¹, citarei um dos maiores exemplos se tratando de clubes de várzea de São Paulo, conforme citado na reportagem da *CNN Brasil*²², o Negritude Futebol Clube, organização fundada na Zona Leste, região de Artur Alvim que mostra a potencialidade de uma organização popular. O clube foi fundado na Cohab 1 por alguns jovens negros enquanto reivindicavam pelo direito ao lazer no território. Além do futebol, a questão racial também estava presente ali, explicação do nome do clube, uniforme e até mesmo os cortes de cabelos com a finalidade de discutir e lutar pelos direitos da negritude em uma época ditatorial.

O Estado não chegava no subúrbio. A Barra Funda de baixo era dos negros, dos imigrantes, das enchentes. As pessoas que moravam lá ficavam sujeitas ao regime do rio se auto organizavam para o lazer, criando clubes de futebol, clubes de dança e festas como o carnaval ou festividades religiosas. Era uma espécie de política no sentido primeiro, fazer uma mobilização por algo desejado, algo bom para a comunidade. (Diana Mendes, 2018).

Em alguns casos, os times de várzea chegaram a ser os coletivos que se assumiam perante a cidade enquanto representantes dos seus bairros. Era uma conjunção de festa, de lúdico, de sagrado e profano, de família, de muitos amigos, de muita atividade que contava com a presença do padre e de políticos. Para Burke, “estas instituições voluntárias a meio caminho entre o mundo privado e o mundo público contribuíram para o surgimento do que hoje é chamado de sociedade civil.” Na prática, todo bairro de São Paulo possuía um ou mais clubes que se dedicavam ao esporte. Com o depoimento do Sr. Amadeu há um esclarecimento sobre a relação entre os bairros e seus times e campos de futebol, no final dos anos 1920, um pouco antes da profissionalização: “Naquele tempo tinha mais de mil campos de várzea. Na Vila Maria, no Canindé, na Várzea do Glicério, cada um tinha mais ou menos cinquenta campos de futebol. Penha, pode pôr cinquenta campos. Barra Funda, Lapa, entre vinte

²¹ SILVA, Diana Mendes Machado da. **O futebol de várzea e a várzea do futebol na cidade de São Paulo.** Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/o-futebol-de-varzea-e-a-varzea-do-futebol-na-cidade-de-sao-paulo/>. Acesso em: 20 set. 2022.

²² TERRA, Adriana. **São Paulo, 468 anos: futebol e várzea cruzam a história da expansão da cidade.** Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/sao-paulo-468-anos-futebol-e-varzea-cruzam-a-historia-da-expansao-da-cidade/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

e vinte e cinco campos. Ipiranga, junto com Vila Prudente, pode pôr uns cinquenta campos. Vila Matilde, uns vinte. (SEABRA, 2015, p. 45-46).

Aqui temos um ponto interessante, a estruturação de um mercado ligado à várzea simboliza não apenas o acesso ao consumo, mas também a capacidade produtiva da própria população periférica. A comercialização desses diversos produtos, os pagamentos aos jogadores, os patrocínios de empresas da própria comunidade impulsionam uma dinâmica de desenvolvimento local (PIRES e REIS FILHO, 2001) que aproveita a potencialidade do futebol de várzea para a geração de renda.

Com o desenvolvimento das atividades esportivas e o aparecimento de bons resultados desses novos times, a tendência era a de que os comerciantes e, posteriormente, os grandes empresários assumissem a direção dos clubes, disponibilizassem a sede dos comércios para servir de sede social – era muito comum o uso de bares, padarias e barbearias para esse fim –, organizassem as respectivas finanças por meio de patrocínios, permitindo a esses times pleitear a participação nos campeonatos oficiais ou a disputa de partidas amistosas contra os times que os disputavam. Criava-se uma cumplicidade entre pequenos comerciantes, donos de terrenos e os times, o que permitia a aferição de lucros por parte dos primeiros e o crescimento dos times. Do ponto de vista dos times e entusiastas, existia a dependência em relação aos terrenos utilizados como campos de futebol, que, a partir da segunda metade do século XX, definiria a sobrevivência ou desaparecimento desses times de várzea. Daí, a necessidade sistemática que os jovens pobres tinham em transformá-los em clubes e adquirir suas sedes. Aqueles que não se organizaram e conquistaram suas sedes desapareceram rapidamente. (SEABRA, 2015, p. 42).

Neste subcapítulo tivemos a preocupação de ressaltar que a várzea citada “não pertence mais aos rios” e sim um pedaço de história para cada comunidade “varzeana”. É uma luta por direitos. Direito a fazer parte de onde se vive. De se relacionar com amigos, conhecidos e familiares. O futebol de várzea como muitos pensam, quebra alguns paradigmas no sentido de organização e principalmente de ferramenta de relações entre membros de um bairro da cidade, refletindo até mesmo no momento da escolha dos nomes dos times que se relacionam aos locais de origem. Muitos são remetidos à origem nacional dos indivíduos, caso de alguns clubes de várzea do bairro do Canindé, no distrito do Pari, tema do próximo subcapítulo.

3.2 OS CLUBES DE FUTEBOL DE VÁRZEA DO PARI

O futebol teve grande importância na agregação social do bairro, que contava com muitos times de futebol de várzea, pelo fato da grande extensão de áreas planas e baixas. É bom lembrar que foi em torno da Ponte Pequena que nasceram os grandes clubes esportivos no começo do século XX, como o Espéria e o Tietê. O remo naquela época era o esporte mais

praticado. As competições ocorriam no rio Tietê e os amantes do esporte acompanhavam as provas nas margens do rio e sobre a Ponte Grande. Os clubes foram se alocando nas áreas baixas dos principais rios da cidade, a partir de 1919, como o Estrela do Pari, o Serra Morena em 1929 e o Esporte Clube Vigor em 1924, somente em 1956, a Portuguesa de Desportos, localizada na Marginal Tietê com a Rua Azurita. O clube da Portuguesa, como o próprio nome se refere, representa uma comunidade luso-brasileira²³.

Neste subcapítulo será abordado a importância dos clubes de futebol de várzea no bairro, curiosidades, histórias e principalmente como o futebol se tornou uma ferramenta de conexão com os moradores tanto pelo lado financeiro ao movimentar dinheiro entre os principais clubes e participações em competições além da influência nos comércios em torno dos clubes, quanto pelo lado atrativo gerando entretenimento no bairro servindo de pontos de encontros nos fins de semana. O valor do futebol amador para a comunidade não é direcionado apenas ao lazer e comércio, quando chegam dias festivos (dia das crianças, natal), as diretorias dos times correm atrás de recursos para organizar as festas, distribuição de brinquedos. Ao longo do ano muitos times fazem ações comunitárias.

Com o desenvolvimento urbano acelerado, a região da Chácara da Floresta deixou de ser área periférica; foi quando nas gestões de Fábio Prado e Francisco Prestes Maia, se construiu a nova Ponte Grande, no decorrer dos anos 1930, ligando uma margem à outra e promovendo a retificação do rio para a futura construção da Avenida Marginal, sendo incorporada ao bairro do Canindé. Entre 1920 e 1950, algumas equipes migraram da Chácara da Floresta e construíram sedes próprias, caso do Corinthians, que, em 1928, adquiriu a Fazendinha na Rua São Jorge, na Zona Leste. Apenas na década de 1950, o São Paulo migraria do Canindé para o Morumbi, local em que construiria o que era o maior estádio particular do mundo, inaugurado no final dos anos 1960. (STREAPCO, 2016, p. 27).

Em um traçado histórico, evidenciando a relação do local com a prática do futebol, havia um pequeno campo que pertencia ao São Paulo Futebol Clube. O time começou a usá-lo em 1944 e, em 1956, a Associação Portuguesa de Desportos comprou do clube o terreno do Canindé. Para que pudessem ser realizados jogos no Canindé, atendendo as exigências da Federação Paulista de Futebol, foram construídos um alambrado, um campo oficial e uma arquibancada provisória de madeira, que acabou apelidando o estádio de Ilha da Madeira²⁴.

O E. C. Vigor é um clube que se localiza na Avenida Carlos de Campos, N° 935 e foi fundado no dia 29 de agosto de 1929. Em sua fase inicial, o clube foi formado por funcionários

²³ PACCA, Penha Elizabeth. **A estagnação urbana como parte da metrópole paulistana do século XXI - o caso do Pari**. 2010. 287 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

²⁴ IDENTIDADE SP. **Canindé**. Disponível em: <http://identidadesp.com.br/caninde/>. Acesso em: 02 out. 2021.

da fábrica Vigor Alimentos, localizada a poucos metros do clube, na rua Joaquim Carlos, N° 396. Em pouco tempo com simpatia, o clube caiu nas graças dos moradores e passou a ser de todo bairro.

Figura 11 - Escudo E.C. Vigor



Fonte: Escudos Gino²⁵.

Figura 12 - Sede E.C. Vigor



Fonte: Pesquisa de Campo. Foto do autor (2022).

Figura 13 - Área Social E.C. Vigor



Fonte: Pesquisa de Campo. Foto do autor (2022).

Figura 14 - Campos E.C. Vigor



“Nasci em 1961 no bairro do Brás. Hoje tenho muitas saudades dos meus domingos de manhã no Esporte Clube Vigor, onde meu pai me levava junto com meu irmão para jogarmos futebol com as outras crianças. O E. C. Vigor, um campo de várzea, que ficava ao lado da ponte da Vila Guilherme não era só um campo de futebol. Ele tinha o campo de futebol, uma quadra de futebol de salão, um campinho de terra e um parquinho com muitos brinquedos para as crianças. Era mantido pela Usina Leite Vigor, instalada até hoje na Rua Joaquim Carlos. Esta usina muitas vezes distribuía gratuitamente saquinhos de leite com chocolate para as crianças (parecido atualmente com o achocolatado com leite).

²⁵ ESCUDOS GINO. EC VIGOR DO BAIRRO PARI - SP. Disponível em: <https://escudosgino.blogspot.com/2018/12/ec-vigor-do-bairro-pari-sp.html>. Acesso em: 05 jan. 2022.

Havia um senhor que vendia cachorro quente no pãozinho francês com purê de batata e molho de tomate, meu pai comprava para comermos. Era uma delícia. Passávamos a manhã de domingo jogando futebol e brincando no parquinho. Enquanto brincávamos, meu pai assistia aos jogos de futebol. Os jogos de futebol eram disputados na categoria veteranos, depois o segundo quadro e por último o primeiro quadro. Jogos bastante disputados e o E. C. Vigor sempre jogava com muita raça perante seus muitos torcedores que compareciam todos os domingos. Que saudades desses momentos gostosos da minha infância. Hoje, quando passo em frente ao Esporte Clube Vigor, sinto muitas saudades dessas manhãs de domingo.” (Silvio Luiz Contri).

Outros clubes também merecem destaque no bairro; de acordo com as informações do Museu Virtual de Futebol - Relíquias do Futebol²⁶, o CMTC Clube que fica no Canindé, na rua Pedro Vicente com a avenida Cruzeiro do Sul, ao lado do Museu dos Transportes Coletivos. Teve grandes equipes de futebol e principalmente de Futebol de Salão, que fez belas campanhas no Metropolitano. Às terças-feiras seu ginásio lotava para as concorridas lutas de boxe, celeiro de grandes pugilistas. O CMTC também tinha uma excelente equipe de patinadoras. Seus bailes eram super animados e os de Carnaval eram espetaculares.

Figura 15 - Escudo CMTC Clube



Fonte: Histórias do Pari²⁷.

Mas, a fama do CMTC eram os grandes jogos varzeanos dominicais e transmitidos por nomes do jornalismo esportivo nacional, como: Joseval Peixoto, Fausto Silva, Vital Bataglia e Samuel Ferro, ao vivo pela antiga TV Record, dos Machado de Carvalho. Como muitos se recordam era o “Desafio ao Galo”, palco de memoráveis e emocionantes disputas.

Grandes nomes do futebol brasileiro jogaram o Desafio ao Galo, como os atacantes Viola, Casagrande, o meia Juninho Paulista, o volante César Sampaio e o lateral-direito Cafu,

²⁶ GABRIEL, Viva São. **Histórias do Pari V.** Disponível em: <http://reliquiasdofutebol.blogspot.com/2012/08/futebol-no-pari.html>. Acesso em: 05 jan. 2022.

²⁷ **HISTÓRIAS DO PARI. Cmtc-clube.** Disponível em: <https://historiasdopari.wordpress.com/2016/03/29/desafio-ao-galo/cmtc-clube-2/>. Acesso em: 20 mar. 2022.

capitão do pentacampeonato mundial da seleção brasileira na Copa de 2002. Vários clubes do Pari se tornaram “galos” da várzea no campo do CMTC.

O Al Shabab F.C. é um time que normalmente treina e faz suas peneiras no campo do E. C. Vigor. É o primeiro time islâmico do Brasil, porém também tem jogadores que não são muçulmanos. É o Al Shabab F. C. (os moços em árabe). E todos sabem que no bairro residem vários muçulmanos, sunitas e xiitas, de nacionalidade libanesa, jordaniana, iraquiana e paquistanesa. No bairro existe uma Mesquita na rua Barão de Ladário e outra no limite com o distrito do Brás, esquina da rua Elisa Witacker com a rua Monsenhor Andrade.

Figura 16 - Mesquita do Brás na rua Elisa Witacker, nº 13



Fonte: Pesquisa de campo. Foto do autor (2022).

O futebol de várzea no local sempre foi uma prática constante, sendo assim, inúmeros foram os times ali presentes. O Itariri F.C. também foi um dos fortes times do Canindé, que tinha no famoso Campo dos Soldados uma autêntica oficina de craques. O Itariri F. C. da rua do mesmo nome, forneceu jogadores que jogaram em várias equipes profissionais de futebol. Destaque para Roquinho, que jogou no Palmeiras, Nacional, Noroeste, Ferroviário de Araçatuba e outros. O Itariri também teve vida curta, porém conquistou vários troféus para a sua galeria.

Por falar no Campo dos Soldados, neste campo, que até há alguns anos era aberto ao público e que hoje é exclusivo da Escola de Educação Física da Polícia Militar do Estado de São Paulo e que era chamado pela população de Campo dos Soldados, aconteciam muitos “rachas”. O gramado era muito bom de se jogar e dali surgiram muitos craques não só da várzea do Canindé, como jogadores profissionais. Daí o Canindé ser uma verdadeira fábrica de bons jogadores e conseqüentemente várias boas equipes, tanto no futebol como no futebol de salão.

O Madeira F.C. foi outra ótima equipe cuja sede era numa rua do mesmo nome, em homenagem a um grande rio da Amazônia e que ficava em frente ao campo. Uma equipe quase só de jogadores que moravam na Madeira e uma equipe forte, alguns profissionais tiveram essa equipe como berço, como por exemplo o Amaral, cujo pai tinha um empório na rua, o Oswaldo Catiguá e outros.

O Brasinha F. S, um time que também fez muito sucesso, apesar de sua vida curta. Uma forte equipe em que jogavam Reinaldo Peru, Ariovaldo Gordinho, Zé Salomão e outros, que anos mais tarde jogaram em outras equipes do bairro, não sem grande brilhantismo. O nome Brasinha é originário de um personagem de histórias em quadrinhos de muito sucesso no início da década de 1960 e era um diabinho com uma roupagem mais simpática e infantil.

Além dos clubes citados acima conforme o Museu Virtual de Futebol - Relíquias do Futebol, o Manchester do Pari é um time de futebol de várzea que representa o bairro do Pari, na região central da cidade de São Paulo. A história do time é praticamente uma Liga dos Campeões da Europa. Boa parte dos jogadores que fazem parte da fundação da equipe que leva o nome do famoso time inglês veio de uma outra equipe chamada Benfica da Vila Maria, Zona Norte. Foi quando após alguns desentendimentos com o responsável pelo campo, estes jogadores saíram do campo do Benfica e começaram a jogar em outro campo, que fica na outra margem da Marginal Tietê. Mas não foi do dia para a noite, porque estes varzeanos tiveram que ficar um tempo parado até encontrar espaço no campo do Serra Morena²⁸.

Os próximos clubes a serem abordados são os dois mais importantes clubes de várzea da área estudada. São eles: A. A. Serra Morena e o Estrela do Pari F.C. Foi a partir das visitas de campo em cada local que a pesquisa se tornou enriquecida de conteúdo. No clube do Estrela do Pari que obtive maiores informações do Projeto da Escolinha de Futebol e no mesmo local fui apresentado a personagens históricos e folclóricos do clube que vivenciaram todo processo de interação da prática do esporte com a comunidade do bairro. No clube do Serra Morena, consegui relatos de um ex-jogador do clube que fez seu nome no exterior e hoje vive na Alemanha e a maior curiosidade está em torno da semelhança dos clubes de futebol profissional Sociedade Esportiva Palmeiras com o Estrela do Pari devido ao fato de suas cores e seu campo localizar-se em frente ao clube do Serra Morena, assim como os centros de treinamento do Palmeiras e São Paulo na Barra Funda, que até mesmo o escudo e as cores lembram muito o São Paulo Futebol Clube.

²⁸ VARZEAPÉDIA. **MANCHESTER DO PARI.** Disponível em: <https://www.varzeapedia.com.br/equipes/manchester-do-pari/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

A.A. SERRA MORENA

A Associação Atlética Serra Morena é uma agremiação da Cidade de São Paulo (SP). Fundado no dia 10 de abril de 1929, possui a sua sede na Rua Araguaia, 749, no Bairro do Canindé, em São Paulo. Tradicional equipe do Canindé, foi fundado antes do São Paulo F.C., os serranos mais tradicionais dizem que foi o Tricolor do Morumbi, que copiou o distintivo do Serra e não ao contrário. O clube possui um estádio, salão de festas com equipamentos modernos, quadra coberta, cancha de bocha, campo iluminado, uma escolinha de futebol, com uma equipe que tem trazido glórias para o Serra Morena. O Serra é da década de 20 e em suas equipes atuaram craques que mais tarde jogaram em equipes profissionais²⁹.

Figura 17 - Escudo A.A. Serra Morena



Fonte: História do Futebol³⁰.

Figura 18 - Sede A.A. Serra Morena



Fonte: Pesquisa de campo. Foto do autor (2022).

Figura 19 - Campo A.A. Serra Morena



²⁹ MELLO, Sérgio. **História do Futebol**. Disponível em: <https://historiadofutebol.com/blog/?p=11222>. Acesso em: 29 set. 2021.

³⁰ MELLO, Sérgio. **História do Futebol**. Disponível em: <https://historiadofutebol.com/blog/?p=11222>. Acesso em: 29 set. 2021.

Figura 20 - Time A.A. Serra Morena



Fonte: Acervo Pessoal de Luiz Manoel Cano. Pesquisa de campo (2021).

A partir da questão de investigação de campo, a primeira tentativa não foi realizada com sucesso devido ao momento pandêmico que vivemos, no dia 30 de junho de 2021 (quarta-feira), ao visitar o Estrela do Pari F. C. e a A.A Serra Morena encontrei as portas fechadas. Novamente, outra tentativa no dia 3 de julho de 2021 (sábado) também encontrei os locais fechados.

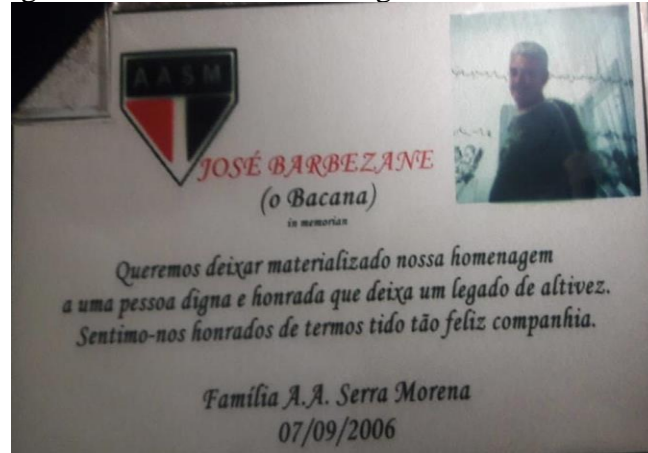
Eis que no dia 16 de julho de 2021 (sexta-feira) consegui entrar em contato com o presidente do clube Serra Morena que juntamente com o atual vice-presidente, deram toda atenção devida e algumas informações sobre o clube e quando as atividades esportivas voltariam a sua normalidade pós-pandemia. Com a finalidade de obter mais relatos orais, entrei em contato com meus ex-amigos de escola que são parentes de pessoas fluentes do clube e netos de uma das personagens de maior símbolo da comunidade.

“Tudo começou na Escola Municipal Casper Líbero, bem próximo dos Campos do Serra e do Estrela, onde o Seu Manolo gostava muito de futebol e resolveu ensinar a prática do mesmo para as crianças até formar o primeiro time de futebol do Casper Líbero e então migraram-se para o campo do Serra Morena e assim foi surgindo vários meninos que moravam nas regiões do Pari, Brás e Belenzinho para jogarem no local e com o passar dos anos foi dando-se cara a uma estrutura de um clube de várzea, o então Serra Morena. Com os anos vieram as glórias, o primeiro grande título foi o DEFE, um torneio do Estado que ao vencedor era concedido prêmios e até viagens para o Paraguai e outros locais. Com o passar do tempo foi surgindo favelas em torno dos locais dos campos e o uso das drogas e criminalidade fez com que o Serra Morena se atentasse para realizar ações que resgatassem alguns meninos.” (Luiz Manoel Cano, 2021).

“Meu pai, José Barbezane, que foi presidente e diretor do Serra Morena, elaborou grandes projetos sociais e isso me deixa muito orgulhoso. Mesmo com a fama ruim de violência e vadiagem que o clube do Serra Morena vinha tendo, em meados de 1996 e 1997, meu pai ditou algumas normas com muita coragem que fez com que a partir de então começasse a haver mudanças. É o que me deixa muito orgulhoso, repito, porque foi a partir disso que hoje as

mudanças aconteceram e fez com que o Serra Morena chegasse hoje a um certo patamar no futebol de várzea sendo muito reconhecido.” (Rafael Barbezane, filho de José Barbezane, um dos principais personagens do clube do Serra Morena).

Figura 21 - Busto em homenagem ao José Barbezane



Fonte: Acervo Pessoal de Rafael Barbezane. Pesquisa de campo (2021).

Por meio dessa rede de informações consegui acesso à relatos de um ex-jogador que me deu total atenção respondendo algumas perguntas, enriquecendo o conteúdo da pesquisa. Hoje ele mora na Alemanha e jogou por vários clubes da Europa e começou sua carreira na A. A. Serra Morena.

“Sou o Kaiser Fabinho, comecei a jogar no Casper Líbero e logo fomos treinar no campo do Serra Morena. Depois fui para a Sociedade Esportiva Palmeiras, San Lorenzo da Argentina, fui para o Bayern de Munique, no CSKA Sofia da Bulgária e em outros times de menor importância da Europa. Mas o meu começo foi no Casper Líbero/ Serra Morena. Um clube que eu tenho muito orgulho e umas palavras de incentivo para os meninos que jogam no Serra Morena é para que não desistam nunca, treino com dedicação porque o Serra Morena é um trampolim para o futebol mundial e o mais importante, um trampolim para toda a vida. O esporte salvou a minha vida e me deu um motivo para viver e será assim para esses meninos.” (Kaiser Fabinho, ex-jogador de futebol e hoje vive em Berlim, na Alemanha).

Figura 22 - Kaiser Fabinho e Lothar Matthäus



Figura 23 - Kaiser Fabinho pelo Bayern



Fonte: Acervo Pessoal de Kaiser Fabinho. Pesquisa de campo (2021).

ESTRELA DO PARI FC

Figura 24 - Escudo Estrela do Pari F.C.



Estrela do Pari Futebol Clube
Fundado no dia 1º de Janeiro de 1919

Fonte: História do Futebol³¹.

O Estrela do Pari Futebol Clube é uma agremiação da cidade de São Paulo (SP). O “Glorioso Tigre do Canindé” foi fundado no dia 1º de janeiro de 1919. Sua sede fica na Rua Comendador Nestor Pereira, N° 108, no Bairro do Pari, na capital paulistana. O Estrela do Pari F.C. era um clube de uma vida social intensa, grandes equipes de vários esportes onde era um verdadeiro papa-títulos do futebol amador³².

³¹ MELLO, Sérgio. **Estrela do Pari Futebol Clube** – **Capital (SP)**. Disponível em: <https://historiadofutebol.com/blog/?p=33306>. Acesso em: 05 jan. 2022.

³² MELLO, Sérgio. **Estrela do Pari Futebol Clube** – **Capital (SP)**. Disponível em: <https://historiadofutebol.com/blog/?p=33306>. Acesso em: 05 jan. 2022.

Figura 25 - Campo do Clube Estrela do Pari



Figura 26 - Área Social do Clube



Fonte: Pesquisa de Campo. Foto do autor (2021).

Em visita ao Estrela do Pari F.C. a ilustre presença de outra personagem simbólica do clube, no auge dos seus 74 anos de idade e um rico acervo de documentos, fotografias e contos, ajudou bastante para trabalhar a importância de outro grande clube de várzea, o Estrela do Pari. Tive acesso até mesmo à Ata de inauguração do clube e registros de compra e venda do lote do terreno, exercido com uma fatia maior para membros da família Carrara. Glauberlã Carrara, o Simba, atual presidente do clube, também foi uma referência para a pesquisa.

O clube tem muita importância para o bairro. Além da sua história, o clube como ferramenta social é ponto de encontro até mesmo de integrantes de outros clubes de várzea. Portanto, não é de se espantar principalmente em feijoadas aos sábados, personagens dos clubes do Estrela, do Serra Morena, do Manchester do Pari e dos Bagaça da Ponte Pequena rivais ferrenhos em campo, se encontrarem para colocar o papo em dia e tomar uma cervejinha.

Figura 27 - Mural dos primeiros sócios do Estrela do Pari F.C.



Fonte: Pesquisa de campo. Foto do autor (2021).

Figura 28 - Ata de Inauguração do Clube

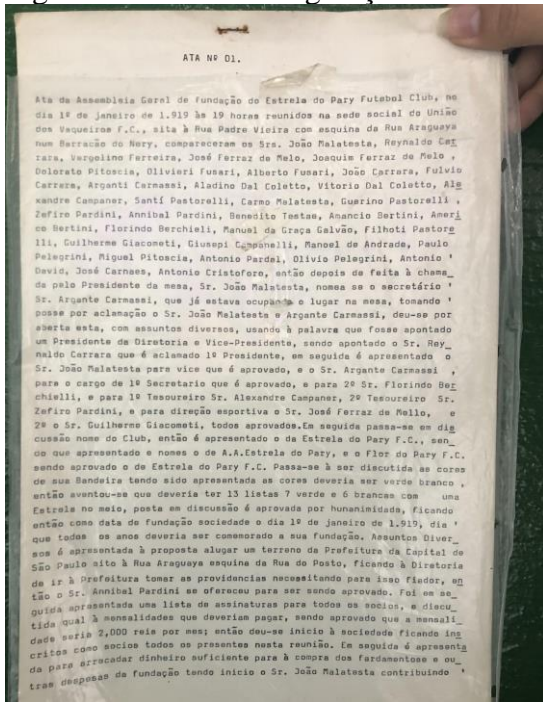
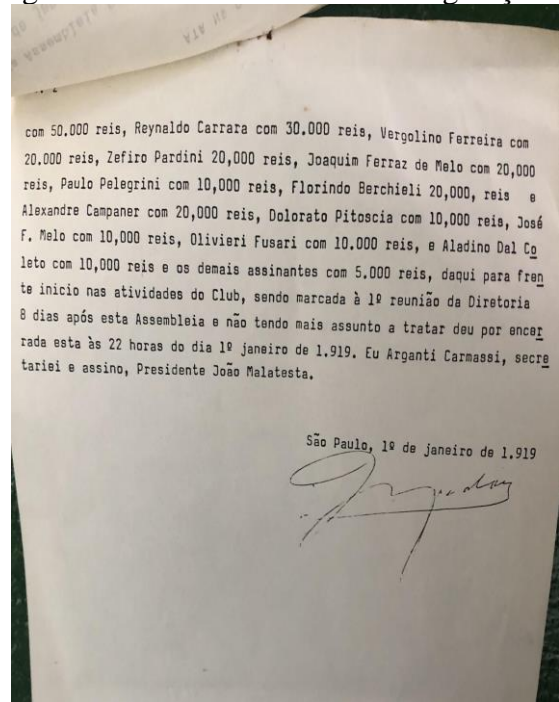


Figura 29 - Parte Final Ata de Inauguração



Fonte: Acervo Pessoal de Nelson de Oliveira. Pesquisa de campo (2021).

“O Estrela do Pari era para se chamar União dos Boiadeiros, fizeram uma reunião na Assembleia sob comando da Família Carrara e outras famílias que não me lembro, pois eu não era nascido, mas decidiram não mudar o nome. O campo era todo cercado de madeira, traves quadradas. Fui treinador do Estrela e consegui deixar o Estrela do Pari aproximadamente duzentas partidas sem uma derrota. Sem dúvidas foi um dos maiores méritos que tive em minha vida.” (Nelson de Oliveira, o Lumumba).

Figura 30 - Nelson de Oliveira, o Lumumba



Figura 31 - Um dos esquadrões do Clube



Fonte: Acervo Pessoal de Nelson de Oliveira. Pesquisa de campo (2021).

No livro que conta algumas histórias sobre os diferentes clubes de várzea da cidade “O Segundo Chute” de Walter Scott Vicentini, Paulo Lumumba foi jogador do São Paulo e do Grêmio onde pendurou as chuteiras e passou a treinador das equipes de base. Candidatou-se a deputado federal e foi eleito.

“O Nelson tinha um patrão em São Paulo, era o Sr. Roberto Frujuelo, ponta esquerda do São Paulo FC. Ele foi apresentado ao Paulo Lumumba, o jogador. Puseram-se a rir pois os dois eram muito parecidos. Daí para frente o Nelson também passou a ser Lumumba. O Roberto era fera, reserva do Canhoto, depois jogou no River Plate da Argentina, Colo Colo do Chile e no Palmeiras onde encerrou a carreira. Na várzea o Nelson jogou no Juventus e Peixe FC (ambos da Ponte Pequena), Metropolitano e Alfredo Maia (na Luz), União Sá Barbosa, Serra Morena e Estrela do Pari. Convivi com gente que jogava muito: Roberto Dias, Roberto Frujuelo, Osvaldinho (pai do Roberto Dias), Osvaldo Tauritano, Ari Pagueti e Enéas. O Enéas tornou-se um jogador folclórico, às vezes desligava-se do jogo aí a torcida gritava “acorda, Enéas”. Ele acordava e o ataque do time subia de produção.” (VICENTINI, Walter Scott; p. 142).

Figura 32 - Principal time do Clube



Fonte: Acervo Pessoal de Nelson de Oliveira. Pesquisa de campo (2021).

Figura 33 - Clube estampado no jornal do bairro



“O Nelson Lumumba também jogou no Liceu Coração de Jesus com o Luís Carlos de Freitas, o Feijão, que atuou no Santos, Palmeiras e Nacional. O Feijão interpretou Pelé no primeiro filme sobre o rei. É amigo íntimo de Prisco Palumbo, que jogou no Inter de Limeira. Foram colegas de infância e viraram amigos do peito.

O Lumumba lembra com saudades das festas e comemorações do clube: a tradicional festa da Sardinha, os Bailes da Saudade, a Festa do Chope, as Festas Juninas e tantas outras. Lembra também do tempo em que praticava o futebol, onde atuou como centroavante e depois como quarto-zagueiro, nos últimos campos que havia na região depois tomada pelo Anhembi, como o Sulamericano, Bola Preta e Corinthinha.

O Estrela do Pari chegou a atingir uma série de duzentas e cinquenta partidas invictas em seu campo, quando perdeu de 2x5 para o Corinthians de Aricanduva. Três meses depois houve a revanche e o Estrela goleou por 7x1, com cinco gols de Serginho.

O campo do Estrela era gramado, havia uma cerca baixa de sarrafos, a trave era quadrada e de madeira, a arquibancada era ampla e coberta, acomodava cerca de quinhentas pessoas.” (VICENTINI, Walter Scott; p. 143).

Para enfatizar como o clube é importante para a comunidade, em dias festivos, o presidente Glauberlã Carrara (Simba), sempre faz um esforço para conseguir recursos na organização das festas e na distribuição de brinquedos.

Figura 34 - Presidente Simba em dia festivo



Figura 35 - Presidente Simba em festa de Natal



Fonte: Acervo pessoal de Glauberlã Carrara. Pesquisa de Campo (2021).

Figura 36 - Ação de Natal no Clube



Figura 37 - Simba ao lado de membros imigrantes



Fonte: Acervo pessoal de Glauberlã Carrara. Pesquisa de campo (2021).

A última figura se torna um *spoiler* sobre a pauta abordada no próximo capítulo. O bairro do Canindé foi a “porta de entrada” para muitos imigrantes como já mencionado. Foco total para as comunidades imigrantes latino-americana, principalmente originários da Bolívia. Em uma das pesquisas de campo no clube Estrela do Pari, fui apresentado ao professor e coordenador do Projeto Bolívar Brasil, Artur Costa. Para haver uma boa convivência e socialização com crianças e adolescentes imigrantes enquanto seus pais trabalham na maior

parte do tempo e até mesmo usando o futebol como trampolim para a melhoria de vida de garotos e garotas, o projeto ganha contornos de “salvação” e de realização de sonhos.

4 AS COMUNIDADES IMIGRANTES E A INSERÇÃO DO FUTEBOL COMO FERRAMENTA DE SOCIALIZAÇÃO

São Paulo é a maior cidade do Brasil, portanto é a cidade que possui o maior número de imigrantes bolivianos. Em reportagem³³ ao site R7 da Rede Record de Televisão, o cônsul geral da Bolívia em São Paulo, Jaime Valdivia Almanza, diz que “a estimativa é de que, atualmente, existem mais de 350 mil bolivianos em todo o país. Deste total, 75% estão em São Paulo. Os números mostram que os bolivianos são, hoje, a comunidade que mais cresce no Estado”.

Os primeiros fluxos migratórios de bolivianos ao Brasil remontam aos anos 1950, quando teve início o programa de intercâmbio cultural firmado entre Brasil e Bolívia, através do qual alguns estudantes vieram em busca de qualificação acadêmica não existente em seu país de origem. Vale ressaltar que muitos desses primeiros imigrantes jamais retornaram a seu país de origem, permanecendo em São Paulo, uma vez que aqui encontraram várias possibilidades de emprego (Silva, 2006, p. 159).

Deste modo a concentração de imigrantes da Bolívia no distrito do Pari e na região do Brás tradicionais locais de fábricas e lojas de roupas na cidade. Aliás, foi numa localizada na rua Coimbra, que se alojaram os primeiros imigrantes³⁴.

“Geralmente, os trabalhos nas oficinas são um tipo de trabalho escravo. Quando os primeiros bolivianos chegaram no Brasil e conseguiram montar suas próprias oficinas e essas informações chegavam na Bolívia, muitos gostariam que isso ocorresse para si e vinham trabalhar de uma forma escrava para os próprios bolivianos. Dependemos do trabalho, se a gente trabalha mais, ganhamos mais. Muitos de nós tínhamos uma profissão na Bolívia, eu por exemplo sou técnico em eletrônica e estou me profissionalizando para sair do ramo da costura.” (José Renê, costureiro).

Segundo o documentário “Bolivianos em São Paulo” realizado pela Real Produções - Produtora Audiovisual, os bolivianos quando já estabelecidos, investem em uma atividade econômica que complemente a renda e aproveitam as feiras para venderem seus produtos. São dois principais pontos de encontros dos bolivianos na cidade para a realização das feiras: um na Rua Coimbra, no Brás e o mais conhecido na Praça Kantuta, no Canindé próximo do metrô Armênia, recebendo aos domingos cerca de cinco mil pessoas, onde 80% delas são bolivianos.

³³ Notícias R7. **Bolivianos são comunidade estrangeira que mais cresce em São Paulo.** Disponível em: <http://noticias.r7.com/sao-paulo/noticias/bolivianos-sao-comunidade-estrangeira-que-mais-cresce-em-sao-paulo-20110819.html>. Acesso em: 05 abr. 2022.

³⁴ PAGENOTTO, Maria Lígia; MINILLO, Marcia. **No Brás, um pedaço da Bolívia dentro de São Paulo.** Disponível em: https://avidanocentro.com.br/gente_no_centro/bolivianos-no-bras/. Acesso em: 10 fev. 2022.

Há também a presença de chilenos, peruanos, paraguaios e claro, curiosos brasileiros. O nome Kantuta, foi dado pelos bolivianos em referência à flor que nasce nos Andes. A flor tem as cores da bandeira do país: verde, vermelho e amarelo, que simboliza a união de todas as suas etnias, culturas, regiões e riquezas naturais.

A feira da Kantuta nasceu, aliás, de um pequeno conglomerado de bolivianos que se reuniram na Praça Padre Bento, no Pari, no início dos anos 1990, para conversar e matar saudades do país, o que aos poucos foi causando um pequeno “alvoroço” no local, fazendo com que a prefeitura disponibilizasse outro local, então o surgimento da Praça Kantuta, que os próprios bolivianos ganharam o direito de escolherem o nome. São nessas feiras que se pode apreciar um pouco do artesanato, gastronomia, especiarias, músicas e tradições do país andino.

A prática do futebol é recorrente dentre os bolivianos. Gostam muito. Organizados em grupos, alugam quadras para realizarem partidas simples e também campeonatos. Um dos espaços escolhidos são as quadras da Associação Futuro Melhor da Mooca, localizado embaixo de um dos viadutos da avenida Alcântara Machado.

“Logo quando surgiu a Associação, um boliviano chegou querendo jogar futebol. Como são muito unidos, nas rádios presentes nas feiras foram passando informações. Através disso começaram a aparecer vários bolivianos para saber se poderiam jogar futebol nas quadras da Associação e foram criando os times, quando percebi, todos os finais de semana já estavam reunidas todas as famílias, levando comida, forravam os lençóis no chão mesmo e se divertiam.” (Fátima dos Santos, Presidente da Associação Futuro Melhor da Mooca).

Figura 38 - Cabeleireiro na feira da Praça Kantuta



Figura 39 - Produtos típicos latinos



Fonte: Pesquisa de campo. Foto do autor (2022).

Figura 40 - Produtos vendidos na feira



Fonte: Pesquisa de campo. Foto do autor (2022).

Figura 41 - Ensaio para evento cultural



Figura 42 - Feira na Rua Coimbra



Fonte: Pesquisa de campo. Foto do autor (2022).

Figura 43 - Clientes em barraca de doces



Figura 44 - Barracas na feira da Rua Coimbra



Fonte: Pesquisa de campo. Foto do autor (2022).

Figura 45 - Pães caseiros vendidos na feira



As técnicas da produção, de transportes e os hábitos pertencem à esfera da cultura. Vidal de La Blache nunca falou de cultura, mas a idéia de cultura tinha um lugar central na sua concepção da disciplina. Ele sublinhou o papel da “força do hábito” que lhe aparecia como a causa mais importante da rigidez dos gêneros de vida. Os imigrantes transportam com ele os seus gostos e os seus hábitos alimentares. (CLAVAL, 2003, p. 149).

Para evidenciar o rótulo dos bolivianos serem bem recebidos no distrito associado à prática do futebol, foi criado em janeiro de 2017, o projeto “Bolívar-Brasil”, onde suas atividades eram conduzidas no E.C. Vigor e um ano depois migrou-se para o Estrela do Pari F.C. no bairro do Canindé, um dos redutos dos imigrantes. A escolinha chegou a contar com 300 alunos no período anterior à pandemia.

Figura 46 - Banner informativo do Projeto Bolívar Brasil



Fonte: Pesquisa de campo. Foto do autor (2022).

Conforme a reportagem realizada por Bruno Ceccon da Gazeta Esportiva³⁵ sobre “Rival do Palmeiras, Bolívar tem escolinha oficial em São Paulo como fonte para a base”, informa que a franquia oficial do Bolívar em São Paulo recebe alunos de seis a dezessete anos de idade, independentemente da nacionalidade. A partir dos doze, os meninos mais promissores já passam a receber uma preparação diferenciada e, aos catorze, podem ser indicados para o período de avaliação em La Paz. “Mantenho contato constante com o coordenador das categorias de base do Bolívar. Periodicamente, recebo uma lista de carências. Por exemplo, ele me pede: ‘Preciso de um volante canhoto de 15 anos ou de um goleiro de 1,80m’. A partir disso, vamos encaixando”, explicou o técnico Artur Costa, coordenador da escolinha paulistana.

Uma vez aprovados no período de avaliação de 21 dias, os atletas são incorporados às categorias de base do Bolívar, maior campeão de seu país. O expoente da escolinha paulistana é o zagueiro Joel Ajno Sillo, que já figura no elenco “profissional” do time de La Paz. O Bolívar

³⁵ GAZETA ESPORTIVA. **Rival do Palmeiras, Bolívar tem escolinha oficial em São Paulo como fonte para a base.** Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/times/palmeiras/rival-do-palmeiras-bolivar-tem-escolinhaoficial-em-sao-paulo-como-fonte-para-a-base/>. Acesso em: 29 set. 2021.

recebe *royalties* para ceder o nome à escolinha paulistana e tem prioridade para utilizar os jovens formados na unidade. Os atletas que não são aprovados pelo clube, porém, podem ganhar chance em times brasileiros, como Portuguesa, Juventus, União Mogi e AD Guarulhos.

“Dos seis aos 11 anos, o lado principal não é o alto rendimento, mas sim a interação, a convivência em grupo. Todos treinam juntos, independentemente da nacionalidade. Muitas vezes, os pais saem para trabalhar de madrugada e as crianças ficam em casa o dia inteiro”, descreveu Artur Costa, dono da licença B do curso de treinadores da CBF, dedicada aos profissionais da base.

Figura 47 - Alunos do Projeto



Figura 48 - Professores dando instruções aos alunos



Fonte: Acervo Pessoal de Artur Costa. Pesquisa de campo (2021).

Em um contato maior com o professor Artur Costa, tive o privilégio de entrevistá-lo: “Sou ex-jogador de futebol profissional e joguei por três anos e meio na Bolívia, onde conheço bem a cultura, o idioma, enfim. Diante disso, criei uma grande amizade com os diretores do Bolívar, de onde surgiu a ideia de trazermos a franquia de um clube boliviano para a região do Pari, devido a existência da expressiva comunidade imigrante boliviana. Já chegamos a mandar cerca de 13 ou 14 atletas para serem avaliados no clube do Bolívar. O projeto era situado no Clube do Vigor, mas por conta da agenda e disponibilidade de horários para utilização, acabamos migrando com o projeto para o Estrela do Pari. Outro diferencial, é que também trabalhamos com o futebol feminino.”

Figura 49 - Comissão Técnica do Projeto (Artur Costa - 2º da esquerda para direita)



Fonte: Acervo Pessoal de Artur Costa. Pesquisa de campo (2021).

Figura 50 - Elenco feminino do Clube



Nascido nas margens dos rios como primeira festa do povo fora da perspectiva da igreja e importante forma de organização popular (SEABRA, 2003) o futebol de várzea permanece até hoje como uma ferramenta de encontro, de sociabilidade, de lazer das diferentes comunidades da cidade.

No início do século XX, as classes subalternizadas - imigrantes empobrecidos e negros descendentes de escravizados - que ocupavam as áreas mais insalubres da cidade, as várzeas dos rios, inventaram no solo alagadiço um espaço de lazer que já lhes era negado. O futebol profissional, praticado nos colégios jesuítas, não era para eles. Era um esporte de elite, luxo da burguesia nacional e estrangeira da sociedade industrial que se formava (STREAPCO, 2011). Essa sociedade industrial crescia de maneira avassaladora, avançando sobre as várzeas, impondo suas fábricas, suas avenidas, retificando os rios e transformando o espaço do futebol e da vida da população varzeana no espaço dos automóveis (JESUS, 2002).

Nas décadas seguintes, a produção imobiliária passou a ser o principal agente transformador da cidade, levando à intensa valorização de diferentes áreas, inclusive nas periferias (PEREIRA, 2016 apud. COMARÚ, FERRARA e GONSALES, 2019). Foram necessárias novas formas de organização, de luta por moradia, de luta por direitos básicos e, nesse cenário, muitos campos de futebol deixaram de existir (SILVA, 2017). A luta cotidiana pela manutenção da vida, contudo, não impediu que as pessoas continuassem jogando futebol.

A presença dos campos e dos times de várzea na periferia, administrados pela própria população local, muitas vezes sem nenhuma participação do poder público indicam o quanto esses espaços são essenciais. São essenciais porque constituem uma das poucas formas de lazer para os habitantes de favelas e comunidades empobrecidas, porque são motivo de orgulho e construção de identidade, porque insurgem frente a um processo de urbanização que segrega e

exclui os direitos básicos dos moradores de periferia. A várzea, compreendida como lugar do futebol, é território de autogestão, de conflitos e de práticas sociais que envolvem diversos atores da sociedade, entre o estatal e o privado, o formal e o informal, o legal e o ilegal (HIRATA, 2005).

É através dos clubes de futebol de várzea, espaço de interação no bairro do Canindé, no distrito do Pari e área estudada nesta pesquisa de campo, que os imigrantes se sentem “abraçados”. A historicidade do bairro traz uma característica marcante de receber diferentes imigrantes de todo o mundo. Os bolivianos, por estarem em grande quantidade e pelo fato de se estabelecerem no bairro por conta da diversidade do comércio de roupas e confecções, suas principais atividades lucrativas ganham importância na pesquisa.

A rotina desgastante de trabalho de muitos pais imigrantes influencia na vida e criação de seus filhos. Logo, a descoberta do Projeto Bolívar Brasil, (hoje, Projeto Bolívia Brasil) escolinha de futebol situado em um dos clubes do bairro ganha contornos significativos na educação, no convívio e uma grande oportunidade de melhoria de vida para os que se destacam.

A pesquisa é de extrema importância para identificar esse elo da prática do futebol de várzea com a formação e desenvolvimento do bairro junto à boa recepção e convívio com outros imigrantes, usando referências geográficas como os conceitos de espaço e território para a explicação de acontecimentos socioespaciais, históricos e geopolíticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se com esta pesquisa desvendar um pouco mais sobre as territorialidades e redes dos clubes de futebol de várzea no distrito do Pari, São Paulo/SP, suas interconexões com o processo de urbanização local e com as comunidades imigrantes ancoradas no distrito, particularmente a de origem boliviana, epicentro para a constituição do Projeto Bolívar Brasil, inicialmente no clube de futebol de várzea Vigor, e em seguida, no Estrela do Pari, situado entre os de maior longevidade e atuação na Região Metropolitana de São Paulo. Conseqüentemente, ao trazer o estudo de caso do Projeto Bolívar Brasil, demonstrou-se a aplicabilidade do referencial teórico deste ramo geográfico e reforçou-se sua importância na análise geográfica.

Para tanto, apoiou-se na colheita de testemunhos orais de pessoas representativas e atuantes da história desses clubes de futebol de várzea. Sendo assim, outro ponto é a relação do desenvolvimento dos clubes de futebol com a história do distrito fazendo com que pessoas de diferentes gerações componham estas territorialidades e redes. A questão mais importante está associada a continuidade do futebol se fazendo presente em meio a comunidade com a construção da escolinha de futebol do clube profissional mais importante da Bolívia, o Bolívar, no interior de clubes históricos de futebol de várzea no Pari, revelando assim a intimidade entre clubes, futebol e comunidades imigrantes que transitam, trabalham ou moram no referido distrito paulistano.

Notou-se a relevância da prática do esporte desde o século anterior; o futebol se fazendo presente tanto de uma forma elitizada e nas várzeas além do fortalecimento do mesmo como uma importante ferramenta de estudo do desenvolvimento da cidade e da relação com a comunidade e com o passar dos anos, a vinda dos imigrantes para o local, até notarmos nos dias de hoje como o futebol se transforma em um modo de inserção de comunidades imigrantes nessa região da cidade.

Fui criado no bairro do Canindé, acompanhei e vivenciei algumas mudanças. Frequentava e cheguei a jogar nos campos do Vigor, do Serra Morena e do Estrela do Pari, portanto foi de imensa satisfação acompanhar o projeto desde o princípio da minha pesquisa de campo no período pós pandêmico no segundo semestre de 2021. Ao mesmo tempo foi com grande pesar que infelizmente recebi a notícia do Professor Artur Costa, neste primeiro semestre de 2022, de que o contrato com o Club Bolívar não seria renovado.

Por conta das dificuldades financeiras e de toda situação econômica global pós pandemia, em abril deste ano a parceria do Club Bolívar com o Projeto Bolívar Brasil foi encerrada. Desde então, o projeto mudou de nome e passou a se chamar Projeto Bolívia Brasil.

Mesmo com a mudança, o professor Artur Costa garantiu dar sequência nos treinos com a mesma metodologia de trabalho, no mesmo local e com a mesma comissão técnica.

Haverá continuidade também em relação a participação de campeonatos, torneios, festivais, viagens e as indicações a outros clubes da Bolívia e do Brasil.

Posteriormente, com o aprofundamento do estudo em questão a partir do trabalho de conclusão de curso, espera-se que tal investigação do Projeto Bolívar Brasil, ou melhor, agora como Projeto Bolívia Brasil venha mostrar ainda mais a relevância de análises nesta perspectiva, trazendo apoio à valorização dos estudos envolvendo os clubes de futebol de várzea, as comunidades imigrantes e o processo de urbanização paulistana.

O futebol de várzea permanece porque as pessoas resistiram e essa resistência foi possibilitada, em grande parte, porque as relações estabelecidas entre os times e associações nos campos de várzea construiu redes de apoio mútuo, de reivindicações e contestações, conformando territorialidades e redes multifacetadas e vislumbradas sob as lentes interpretativas da ciência geográfica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB’SÁBER, Aziz. Sítio Urbano de São Paulo *in* **A cidade de São Paulo - Estudos de Geografia Urbana** vol. I - A região de São Paulo. Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Regional de S. Paulo. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1958.

ACCA, Penha Elizabeth. **A estagnação urbana como parte da metrópole paulistana do século XXI - o caso do Pari**. 2010. 287 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ALMEIDA, Marco Bettine de. **Os caminhos da bola pelas estradas de São Paulo**. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades, 2017. p76.

ALMEIDA, Marina Oliveira de. **São Paulo: origens do futebol na cidade**. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/sao-paulo-origens-do-futebol-na-cidade/>. Acesso em: 20 jul. 2022.

ALVES, Danilo Janúncio. **HISTÓRIA DOS BAIRROS PAULISTANOS - PARI**. Disponível em: http://almanaque.folha.uol.com.br/bairros_pari.htm. Acesso em: 09 set. 2022.

AMADIO, Décio. **Desenho urbano e bairros centrais de São Paulo: um estudo sobre a formação e transformação do Brás, Bom Retiro e Pari**. Dissertação de Mestrado - FAUUSP - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo - SP, 2004.

ANTUNES, Fátima M. **Futebol de fábrica em São Paulo**. 1992. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

AZEVEDO, Aroldo de. **A Cidade de São Paulo: Estudos de Geografia Urbana**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional. 1958.

Bispo, A.A. (Ed.). **Bairro do Pari - São Paulo (SP): O Convento de Santo Antonio em meio operário italiano e português da várzea entre o Tamanduateí e o Tietê: anti-secularização acompanhando a industrialização. A arquitetura do Ir. Felicianus Schlag OFM (1857-1923)**“ Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira 150/4 (2014:4). http://revista.brasil-europa.eu/150/Pari-Convento_de_Santo_Antonio.html. Acesso em: 01 dez. 2021.

BONFANTI, Lígia; BONFANTI, Jonas. **Feira Kantuta: conheça a cultura e a culinária boliviana sem sair de São Paulo**. Disponível em: <https://passeiosbaratosemosp.com.br/feira-kantuta-conheca-cultura-e-culinaria-boliviana-na-zona-norte-de-sao-paulo/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRUNO, Ernani. **História e Tradições da Cidade de São Paulo**. Volume II: Burgo de Estudantes, e Volume III: A Metrópole do Café. São Paulo: Hucitec e Secretaria Municipal de Cultura. 1984.

CARVALHO, Rafael. **Kantuta: Um pedaço legítimo da Bolívia no centro de São Paulo.** Disponível em: <https://www.essemundoenosso.com.br/feira-kantuta/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

CLAVAL, Paul. A Contribuição Francesa ao Desenvolvimento da Abordagem Cultural na Geografia. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 147-166.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural.** Tradução de Luíz Fugazzola Pimenta; Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007. 453p.

COMARÚ, Francisco de Assis; FERRARA, Luciana Nicolau; GONSALES, Talita Anzei. Espoliação urbana e insurgência: conflitos e contradições sobre produção imobiliária e moradia a partir de ocupações recentes em São Paulo. **Cadernos Metrópole:** São Paulo, v.21, n.46, p. 807-830, setembro/dezembro de 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2019-4606>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-99962019000300807. Acesso em: 07 jul. 2020

CONTEXTO, Editora. **“ENTRE RIOS” - a urbanização de São Paulo.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=Fwh-cZfWNIc>. Acesso em: 15 maio 2022.

CONTRI, Silvio Luiz. **Meus domingos no E. C. Vigor.** Disponível em: <https://saopaulominhacidade.com.br/historia/ver/4005/Meus+domingos+no+E.+C.+Vigor/pagina/2>. Acesso em: 09 set. 2022.

CORREA, Luiz Eduardo Cirne. **Fotografias Antigas.** Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/36591815699040239/>. Acesso em: 02 out. 2021.

Cultura associativa no Rio de Janeiro. In: Cláudio H. M. Batalha; Fernando T. da Silva; Alexandre Fortes (orgs.) *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado.* Campinas: Ed. da Unicamp, 2004.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **A Vida fora das Fábricas. Cotidiano operário em São Paulo (1920-1934).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

EDITORA ALAMEDA. **Os Meandros dos Rios nos Meandros do Poder.** Disponível em: <https://www.alamedaeditora.com.br/os-meandros-dos-rios-nos-meandros-do-poder/>. Acesso em: 01 dez. 2021.

ESCUDOS GINO. **EC VIGOR DO BAIRRO PARI - SP.** Disponível em: <https://escudosgino.blogspot.com/2018/12/ec-vigor-do-bairro-pari-sp.html>. Acesso em: 05 jan. 2022.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Dança dos deuses. Futebol, sociedade, cultura.** São Paulo: Cia. das Letras, 2007. p. 62-66

GABRIEL, Viva São. **Histórias do Pari V.** Disponível em: <http://reliquiasdofutebol.blogspot.com/2012/08/futebol-no-pari.html>. Acesso em: 05 jan. 2022.

GABRIEL, Viva São. **Museu Virtual do Futebol**. Disponível em: <http://reliquiasdofutebol.blogspot.com/2012/08/futebol-no-pari.html?m=1>. Acesso em: 29 set. 2021.

GARCIA, Cecília. **O futebol de várzea em São Paulo e o direito à cidade**. Disponível em: O futebol de várzea em São Paulo e o direito à cidade. Acesso em: 10 set. 2022.

GAZETA ESPORTIVA. **Rival do Palmeiras, Bolívar tem escolinha oficial em São Paulo como fonte para a base**. Disponível em:

<https://www.gazetaesportiva.com/times/palmeiras/rival-do-palmeiras-bolivar-tem-escolinhaoficial-em-sao-paulo-como-fonte-para-a-base>. Acesso em: 29 set. 2021.

GIESBRECHT, Ralph Mennucci. **Estações ferroviárias no Brasil**. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/p/pari.htm>. Acesso em: 29 nov. 2021.

GOOGLE EARTH. **Google Earth**. Disponível em:

https://earth.google.com/web/search/Pari,+S%c3%a3o+Paulo+-+SP/@-23.53150998,-46.61722864,737.44390999a,1399.70301301d,35y,0.00000001h,0t,0r/data=CigiJgokCQshCIImqDZAEQkhCIIImqDbAGVwHLd_BbC_AIWB5-JvpNV7A. Acesso em: 10 abr. 2022.

HAESBAERT, Rogério (2004). **O mito da desterritorialização**. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. São Paulo: Bertrand Brasil, 2004.

HIRATA, Daniel Veloso. **Futebol de várzea: Práticas urbanas e disputa pelo espaço na cidade de São Paulo**. 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade São Paulo, São Paulo, 2005.

HISTÓRIA DO FUTEBOL. **Associação Atlético Serra Morena do Canindé – São Paulo (SP)**. Disponível em: <https://historiadofutebol.com/blog/?p=11222>. Acesso em: 29 mar. 2022.

HISTÓRIAS DO PARI. **Cmtc-clube**. Disponível em:

<https://historiasdopari.wordpress.com/2016/03/29/desafio-ao-galo/cmtc-clube-2/>. Acesso em: 20 mar. 2022.

HISTORIAS DO PARI. **O BOM E VELHO ALTO DO PARI**. Disponível em:

<https://historiasdopari.wordpress.com/2010/08/01/o-bom-e-velho-alto-do-pari/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

IDENTIDADE SP. **Canindé**. Disponível em: <http://identidadesp.com.br/caninde/>. Acesso em: 02 out. 2021.

KUPPER, Agnaldo. **FUTEBOL E MOVIMENTO OPERÁRIO BRASILEIRO: UMA PELEJA DESIGUAL**. Universidade Estadual Paulista – Unesp, Assis, 2018.

LEFEBVRE, H. (1975) **De lo rural a lo urbano**. 3.ed. Barcelona, Ediciones Península. 268 p.

Leis Municipais. **LEINº 11.220, DE 20 DE MAIO DE 1992**. Disponível em: <http://leismunicipa.is/gefjt>. Acesso em: 25 jul. 2022.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Hucitec, 1998.

Mascarenhas de Jesus, G. (2009). Várzeas, Operários e Futebol: Uma outra Geografia. *GEOgraphia*, 4(8), 84-92. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2002.v4i8.a13435>.

MELLO, Sérgio. **Estrela do Pari Futebol Clube – Capital (SP)**. Disponível em: <https://historiadofutebol.com/blog/?p=33306>. Acesso em: 05 jan. 2022.

MELLO, Sérgio. **História do Futebol**. Disponível em: <https://historiadofutebol.com/blog/?p=11222>. Acesso em: 29 set. 2021.

MINILLO, Marcia. **Uma Bolívia dentro do Brás**. Disponível em: <https://www.sampainesgotavel.com.br/2016/08/21/uma-bolivia-dentro-do-bras/>. Acesso em: 01 jul. 2022.

MONTEIRO, Peter R. **São Paulo nos centros das marginais: a imagem paulistana refletida nos rios Pinheiros e Tietê**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MUSEU DA PESSOA. **História de vida**. Disponível em: http://www.museudapessoa.net/_index.php/historia/5284-historia-de-vida?historia=integra. Acesso em: 20 set. 2022.

MUSEU DO FUTEBOL. **Cego é aquele que só vê a bola: o futebol paulistano e a formação de Corinthians, Palmeiras e São Paulo**. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/658644/>. Acesso em: 01 dez. 2021.

NICOLINI, Henrique. **Tietê: O Rio do Esporte**. São Paulo: Phorte Editora, 2001.

Noticias R7. **Bolivianos são comunidade estrangeira que mais cresce em São Paulo**. Disponível em: <http://noticias.r7.com/sao-paulo/noticias/bolivianos-sao-comunidade-estrangeira-que-mais-cresce-em-sao-paulo-20110819.html>. Acesso em: 05 abr. 2022.

OGAWA, Carlos. **Ponte Grande, Ponte Pequena**. 2009. Disponível em: <http://blog.acesasp.sp.gov.br/>. Acesso em: 05 abr. 2022.

OLIVEIRA, Abrahão de. **O bairro dos pescadores: uma breve descrição do Pari**. Disponível em: <https://www.saopauloinfoco.com.br/bairro-pari/amp/>. Acesso em: 08 out. 2021.

OLIVEIRA, Cláudio. **A história do negro no futebol**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=hRIymsLacIE>. Acesso em: 10 ago. 2022.

PACCA, Penha Elizabeth. **A estagnação urbana como parte da metrópole paulistana do século XXI - o caso do Pari**. 2020. 282 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PAGENOTTO, Maria Lígia; MINILLO, Marcia. **No Brás, um pedaço da Bolívia dentro de São Paulo**. Disponível em: https://avidanocentro.com.br/gente_no_centro/bolivianos-no-bras/.

Acesso em: 10 fev. 2022.

PEDROSA, Marinaldo Gomes. **Quais são as fronteiras do Jaraguá?** Disponível em: <https://jaraguasp.blogspot.com/2016/08/fronteiras-bairro-jaragua.html>. Acesso em: 29 nov. 2021.

PIRES, Elson Luciano Silva; REIS FILHO, José Carlos Gomes dos. **Desenvolvimento local, política pública e sociedade civil: estratégia dos atores e potencialidades das dinâmicas locais em comunidades de baixa renda no Brasil.** In: 67 CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA, 23., 2001, Antigua/Guatemala. Anais.... Antigua: [s. n.], 2001.

REDAÇÃO. **Como São Paulo é dividida de maneira territorial e administrativa?** Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/sao-paulo-divisao-territorial-e-administrativa/>. Acesso em: 20 jul. 2022.

REZZUTTI, Paulo. **A história do futebol no Brasil.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QZ2JqI6QuSQ>. Acesso em: 08 set. 2022.

SACK, R. (1986). *Human Territoriality: its theory and history*. Cambridge : Cambridge University Press.

SANTOS, André; RODRIGUES, Rubens. **Conheça os principais campeonatos do futebol de várzea de São Paulo.** Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/torneios-da-varzea-de-sao-paulo-reunem-centenas-de-times-e-dao-ate-onibus-de-premio-aos-campeoes/amp/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

SANTOS NETO, José Morais. **Visão do Jogo – primórdios do futebol no Brasil.** São Paulo, Cosac & Naify, 2002.

SÃO PAULO. **Feira Kantuta reúne aos domingos imigrantes bolivianos em uma linda celebração.** Disponível em: <https://www.saopaulo.com.br/feirakantuta/>. Acesso em: 13 jan. 2022.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. **Canindé.** Disponível em: <http://www.saopaulofc.net/spfcpedia/a-historia-do-spfc/caninde>. Acesso em: 05 out. 2021.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **Os Meandros dos Rios nos Meandros do Poder: Tietê e Pinheiros - valorização dos rios e das várzeas na cidade de São Paulo.** São Paulo: Alameda Editorial, 2019.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. (2000). **Urbanização: bairro e vida de bairro.** Travessia: revista do migrante. v 13. n.38, p. 11-17.

Secretaria Especial de Comunicação. **Feira de bolivianos da rua Coimbra é regularizada após 11 anos de luta.** Disponível em: <https://www.capital.sp.gov.br/noticia/feira-de-bolivianos-da-rua-coimbra-e-regularizada>. Acesso em: 05 mai. 2022.

SILVA, Diana Mendes Machado da. **O futebol de várzea e a várzea do futebol na cidade de São Paulo.** Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/o-futebol-de-varzea-e-a>

varzea-do-futebol-na-cidade-de-sao-paulo/. Acesso em: 20 set. 2022.

SILVA, Roberta Pereira da. **Campo de terra, campo da vida:** interfaces das expressões cotidianas, as alternativas de resistência popular e o Negritude Futebol Clube. 2017. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2017.

SILVA, Sidney Antonio da. Virgem/Mãe/Terra. **Festas e tradições bolivianas na metrópole.** São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2003.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana.** São Paulo, Cia. Ed. Nacional. 1974.

SPBAIRROS. **Pari.** Disponível em:

<https://www.spbairros.com.br/pari/#:~:text=O%20bairro%20do%20Pari%2C%20com,a%20instala%C3%A7%C3%A3o%20de%20%E2%80%9Cparis%E2%80%9D..> Acesso em: 10 ago. 2022.

STREAPCO, João Paulo França. **Cego é aquele que só vê a bola: o futebol paulistano e a formação de Corinthians, Palmeiras e São Paulo.** São Paulo: Edusp, 2015.

TERRA, Adriana. **São Paulo, 468 anos: futebol e várzea cruzam a história da expansão da cidade.** Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/sao-paulo-468-anos-futebol-e-varzea-cruzam-a-historia-da-expansao-da-cidade/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

TORRES, Maria Celestina T. M. **História dos bairros de São Paulo – Brás.** São Paulo: Secretaria de Educação e Cultura do Município de São Paulo, 1985.

VARZEAPÉDIA. **MANCHESTER DO PARI.** Disponível em:

<https://www.varzeapedia.com.br/equipes/manchester-do-pari/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

TRIPADVISOR. **Photo: Praça Padre Bento.** Disponível em:

https://www.tripadvisor.com/LocationPhotoDirectLink-g303631-d10373257-i305450204-Paroquia_Santo_Antonio_do_Pari-Sao_Paulo_State_of_Sao_Paulo.html. Acesso em: 29 nov. 2021.

VASQUEZ, Luis. **Em São Paulo, feira de bolivianos da rua Coimbra é regularizada após 11 anos de luta.** Disponível em:

<https://fotospublicas.com/em-sao-paulo-feira-de-bolivianos-da-rua-coimbra-e-regularizada-apos-11-anos-de-luta/>. Acesso em: 13 jan. 2022.

VICENTINI, Walter Scott. **O segundo chute.** São Paulo: ed. do autor, 2005. p. 143.

ZANETTI, Lucia. **Praça Padre Bento no Pari, lugar onde nasceu o Rock Nacional!**

Disponível em: <https://luciazanetti.wordpress.com/2015/07/29/praca-padre-bento-no-pari-lugar-onde-nasceu-o-rock-nacional/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

APÊNDICE A - A.A. SERRA MORENA



APÊNDICE B - ESTRELA DO PARI F.C.



APÊNDICE C - PROJETO BOLÍVAR BRASIL





DEPORTES

LA PUERTA DEL SOL

La Puerta del Sol - 13

Proyecto Bolívar Lleva nuevos jugadores a Bolivia



El Proyecto Bolívar dirigido por el profesor Artur Costa es un proyecto que tiene el objetivo de formar jugadores en las divisiones inferiores para

que adquieran los conocimientos, habilidades y potencia muscular que se requiere para jugar en el fútbol profesional. El proyecto es una fran-

quia del club Bolívar de Bolivia, por lo cual, cada cierto tiempo un grupo de jugadores tiene la posibilidad de ir hasta La Paz, y rendir un periodo

de pruebas y entrenamientos en los que serán evaluados por el cuerpo técnico, quienes decidirán que jugadores tienen la posibilidad de quedar-

se en la divisiones menores del Bolívar. Este mes de mayo, un nuevo grupo de 8 jugadores de la divisiones 17 y 19 viajarán a Bolivia

para rendir estas pruebas y por el lapso de tres semanas serán evaluados por el cuerpo técnico del Club Bolívar.

Bolivia y Brasil inauguran la Copa América



Las selecciones de Bolivia y Brasil se enfrentarán una vez más en el partido que inaugurará la copa América 2019. El partido será el día 14 de junio en el estadio Morumbi y comenzará a las

22:30 horas. El 18 de junio será el segundo encuentro que la selección boliviana jugará por el grupo A. Esta vez el rival será Perú y se jugará en el legendario estadio Maracanã en Rio

de Janeiro. Venezuela será el último rival que Bolivia enfrentará en la primera fase de la Copa América, encuentro que será disputado en el estadio Mineirão de Belo Horizonte.

Bolívar nuevamente campeón



Anticipadamente el club Bolívar aseguró un nuevo título para su historia. A dos fechas que finalice el torneo apertura, Bolívar consiguió su título número 29 tras derrotar al club Oriente

Petrolero 2 - 1 en Santa Cruz de la Sierra. Sin embargo el recibimiento de la copa y la vuelta olímpica fueron en el estadio Hernando Siles en La Paz y en un clásico frente al The

Strongest y en el cual fue derrotado por 3 - 1. Con la obtención de este campeonato, el Bolívar sigue consagrándose como el equipo con más títulos del fútbol profesional boliviano.